

EDELBERTO AUGUSTO GOMES LIMA.

1

TRAJETÓRIA POLÍTICA DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA.

(05.02.1868/15.01.1969)



**ALGUNS DOS FEITOS DE UM DOS MAIORES (SENÃO O
MAIOR) NOMES DA HISTORIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.**

**FALECIMENTOS DE MANOEL MARTINS VIEIRA E PADRE
PEDRO DOMINGUES GOMES – OUTROS GRANDES BENFEITORES.**

NOVEMBRO DE 2019.

TRAJETÓRIA POLÍTICA DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, A PARTIR DE DADOS FORNECIDOS PELO MINISTRO PAULINO CÍCERO VASCONCELOS, COMPLEMENTADOS POR NOTÍCIAS SOBRE ELE, PUBLICADAS EM MEUS LIVROS SOBRE SÃO DOMINGOS DO PRATA ANTIGO.

INTRODUÇÃO.

Em meus diversos livros sobre a história antiga de São Domingos do Prata procurei, a fim de forçar a pesquisa, o que ajuda no aprendizado e memorização, espalhar neles fragmentos de uma mesma matéria.

Assim, o interessado, ao juntar e unir esses fragmentos, poderá obter uma visão mais completa da matéria exposta.

Por outro lado, como as minhas raízes familiares em São Domingos do Prata são profundas, sempre procurei priorizar temas da época dos fatos, publicados por jornais, atas da Câmara de Vereadores e da Assembleia Legislativa, Diário Oficial, etc.

São notícias quase em cima dos acontecimentos. Ao evitar publicá-las anos após, por ouvir dizer de terceiros (o que nem sempre traduz com fidelidade o ocorrido ou quando as lacunas da memória, são completadas pela imaginação), diminui-se o risco de “falsificar” a história.

A história, como já disse alguém, é como o vinho, precisa de anos para se depurar. Somente a partir daí se consegue decantar as paixões, que tanto deturpam a verdade histórica.

Ao evitar a transmissão oral, evito que a “paixão e a memória” deturpem e supram a história real e contemporânea dos fatos.

Por outro lado, sou partidário de Gwyns Prins para quem os historiadores das sociedades modernas, maciçamente alfabetizadas, são extremamente céticos quanto ao valor da história oral na reconstrução do passado.

A história é vital para a formação do indivíduo. Ao entender o que ocorreu no passado, vai-se descobrir a razão de seu presente.

Ela é uma fonte de aprendizado, desde que se saiba interpretá-la corretamente, eis que o saber antecipado evita a experiência negativa e possibilita vislumbrar e até corrigir, se for o caso, o futuro.

Uma terra sem história e sem exemplos edificantes de alguns de seus semelhantes, é uma terra que se perdeu, por isso é importante o provérbio Sueco a nos ensinar “não jogar fora o balde velho até que se saiba se o novo segura a água.”

Como exemplo ainda de um passado construtivo, trago à baila notícias sobre os falecimentos e notas sobre as vidas de dois outros grandes pratianos: Manoel Martins Vieira e Padre Pedro Domingues Gomes.

Como pouco contribui para a história pratiana, posto ter me mudado do município aos 7 anos de idade, ousou sair fora do contexto deste livro, para contar um pouco da minha infância em terras pratianas.

SUMÁRIO. (Páginas 03 a 06)

INTRODUÇÃO – 02 -

DADOS POLÍTICOS SOBRE DR. EDELBERTO, NAS PALAVRAS DO MINISTRO PAULINO CÍCERO VASCONCELOS – 06 -

O INÍCIO DA JORNADA – 08 -

A JORNADA POLÍTICA – 11 -

O GOVERNO DO ESTADO E O RELATÓRIO ENVIADO POR DR. EDELBERTO – 14 -

ELEIÇÃO EM 1922 – 13 -

ELEIÇÃO EM 1927 – 15 -

CONGRESSO DOS MUNICÍPIOS EM ITABIRA – 16 -

AGÊNCIA DO CORREIO EM SÃO JOSÉ DO GOIABAL – 17 -

ALGUNS MELHORAMENTOS NO MUNICÍPIO LISTADOS POR UM JORNAL PRATIANO – 20 -

RENÚNCIA AO CARGO DE PRESIDENTE DO PARTIDO – 21 -

NOVAS ELEIÇÕES EM 1936 – 22 -

CHEGADA DO MINISTRO PAULINO CÍCERO À SÃO DOMINGOS DO PRATA – 22

CANDIDATURA DO DR. JOSÉ MATEUS DE VASCONCELOS PARA PREFEITO EM 1936 – 24 -

CANDIDATOS A VEREADOR NA ELEIÇÃO DE 1936 – 24 -

VEREADORES ELEITOS NA ELEIÇÃO DE 1936 – 26 -

VEREADORES ELEITOS PELA OPOSIÇÃO NA ELEIÇÃO DE 1936, QUE NÃO COMPARECERAM NA POSSE DO PREFEITO – 26 -

RELATÓRIO DO DR. JOSÉ MATEUS DE VASCONCELOS EM 1936 – 27-

FOTOS DOS VEREADORES ELEITOS EM 1936 – 28 -

EXTINÇÃO DA CÂMARA DE VEREADORES ELEITA EM 1936 – 29 -

NOMEAÇÃO PELO GOVERNO DO ESTADO DO NOVO PREFEITO – 29 -

NOVOS PREFEITOS NOMEADOS POR INTERFERÊNCIA DO DR. EDELBERTO – 30 -

CHAPA ÚNICA NA ELEIÇÃO DE 1947 – 30 -

PRATIANO CONCILIADOR – 31 -

OS ELEITOS NA ELEIÇÃO DE 1947 – 32 -

ALGUMAS DAS REALIZAÇÕES DO DR. EDELBERTO – 33 -

PRINCIPAIS ESTRADAS DE RODAGEM CONSTRUÍDAS POR DR. EDELBERTO – 33 – 34 – 35 -

INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE RODAGEM ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E DOM SILVÉRIO (EX-SAÚDE) – 36 -

CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE RODAGEM ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E NOVA ERA – 37 -

ESTRADA DE RODAGEM ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E BELO HORIZONTE – 38 -

ESTRADA DE RODAGEM ATÉ ANTÔNIO DIAS – 49 -

ESTRADA DE RODAGEM ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E JOÃO MONLEVADE – 39 -

- CRIAÇÃO DA GUARDA MUNICIPAL EM 1930 – 40 -**
- ESCOLAS MUNICIPAIS EM 1934 E 1935 – 41 – 42 -**
- ESCOLAS MUNICIPAIS ANTES DE 1930 – 42 -**
- NOME DADO À LAGOA DO BISPO POR DR. EDELBERTO – 42 -**
- CHUVA DE GRANITO QUE ARRASOU A CIDADE – 43 – 44 -**
- FUNDAÇÃO DO SÃO DOMINGOS DO PRATA FUTEBOL CLUBE – 45 -**
- REGULAMENTANDO O TRÂNSITO DE VEÍCULOS EM 1927 – 45 -**
- JARDINS EM 1923 – 47 -**
- DR. EDELBERTO, CANDIDATO A DEPUTADO ESTADUAL – 47 -**
- ELEIÇÃO DO DR. EDELBERTO PARA DEPUTADO ESTADUAL E NÚMERO DE VOTOS – 49 -**
- DR. EDELBERTO RECORDANDO A SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE EM SUA TERRA NATAL – 50 -**
- PRESIDENTE DE HONRA DO P.S.D. – 51 -**
- DR. EDELBERTO DANDO NOME AO GRUPO ESCOLAR ESTADUAL DA CIDADE – 51-**
- O ENCANTAMENTO DO DR. EDELBERTO COM AS FLORESTAS VIRGENS DO VALE DO RIO DOCE – 51 -**
- ABAIXO ASSINADO DO POVO PRATIANO – 52 -**
- ESCOLA NO POVOADO DE TIMÓTEO, ENTÃO TERRITÓRIO PRATIANO – 52 -**
- FELICITAÇÕES PELO ANIVERSÁRIO DE 59 ANOS, COMPLETADOS EM 05.02.1927 – 53 -**
- ALGUNS PRONUNCIAMENTOS DO DR. EDELBERTO COMO DEPUTADO, FEITOS NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA – 53 -**
- SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE E TIMÓTEO, ENTÃO TERRITÓRIOS PRATIANOS – 53 -**
- REPRESENTAÇÃO DO DR. EDELBERTO EM FAVOR DE ALVINÓPOLIS, ALTO SEM PEIXE E ITABIRA DO MATTO DENTRO – 55 -**
- PLEITO DO DR. EDELBERTO EM DEFESA DE FERROS E DO ENTÃO DISTRITO DE SANT’ANNA DO PARAÍSO – 56 -**
- IRMÃS DE CARIDADE FRANCESAS EMIGRANDO PARA SÃO DOMINGOS DO PRATA E PLEITO DO DR. EDELBERTO EM FAVOR DO ORFANATO NOSSA SENHORA DAS DORES NO MESMO MUNICÍPIO – 58 -**

HOSPITAL REGIONAL EM SÃO DOMINGOS DO PRATA – 59 -
SOCIEDADE MÚTUA DE PECÚLIO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA –63 -
SOCIEDADE DE TIRO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA – 63 -
OUTRAS PALAVRAS EM HOMENAGEM A DR. EDELBERTO – 63 -
HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES – 64 -
PLACA NO HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES – 64 -
PALAVRAS DO MINISTRO PAULINO CÍCERO VASCONCELOS SOBRE DR. EDELBERTO – 65 -
EXEMPLO PARA SEUS DESCENDENTES E GERAÇÕES FUTURAS – 65 -
DEPOIMENTO DE ANTÔNIO CARLOS VASCONCELOS SOBRE DR. EDELBERTO - 68 -
O POETA – 68 -
SEUS PAIS, ESPOSA, SOGRO E SOGRA, IRMÃOS, FILHOS, GENROS E NORAS – 69 – 70 – 71 -
FOTO DO SOBRADO EM QUE MOROU DR. EDELBERTO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA – 71 –
NOTÍCIAS SOBRE O VELÓRIO DO PADRE PEDRO DOMINGUES, COM ENORME ACOMPANHAMENTO E SEPULTAMENTO NA ANTIGA MATRIZ – 71/81-
NOTÍCIAS SOBRE O VELÓRIO DE MANOEL MARTINS VIEIRA COM A PRESENÇA MAÇICA DO POVO PRATIANO, BANDAS DE MÚSICA E RETRATO PARA SER POSTADO NA CÂMARA DE VEREADORES – 81/91 -
MINHA INFÂNCIA EM SÃO DOMINGOS DO PRATA – 91 -
ÍNDICE ALFABÉTICO – 97 -
RELAÇÃO DE MEUS LIVROS –

DADOS POLÍTICOS SOBRE DR. EDELBERTO LELLIS FERREIRA, ESCRITOS PELO EX-MINISTRO PAULINO CÍCERO DE VASCONCELOS.

“O Dr. Edelberto de Lellis Ferreira iniciou sua vida política no município de São Domingos do Prata, no ano de 1908, por

ocasião da campanha civilista, da qual foi um dos ardorosos defensores, e vitoriosa no município.

Na oportunidade, com seus companheiros políticos de então, conseguiu, em oposição ao governo do Estado, eleger a quase unanimidade da Câmara de Vereadores, da qual foi vereador vice-Presidente.

Tendo o grande tribuno Rui Barbosa perdido as eleições para a Presidência da República, a Câmara então eleita, como se disse, em oposição ao Governo Estadual, num gesto de nobreza e patriotismo, para não criar dificuldades para o município, renunciou coletivamente.

De 1918-1920, o Dr. Edelberto de Lellis volta novamente às lides políticas, recebendo dos Poderes Estaduais, a direção política do município.

Em 1922, elegeu-se vereador e Agente Executivo do Município, cargo equivalente ao de hoje – Prefeito Municipal, cujo cargo exerceu ininterruptamente, ora por eleição, ora por nomeação do Governo do Estado, até 1935, quando se fez suceder no cargo e na direção política do município pelo dr. José Mateus de Vasconcelos, sendo até hoje seu máximo dirigente político.

Em 1924, elegeu-se Deputado ao Congresso Legislativo de Minas Gerais, pelo então 2º distrito, que se compunha de vários municípios de grande expressão, como sejam: Ponte Nova, Caratinga, Manhuaçu, Ouro Preto, Mariana, São Domingos do Prata e muitos outros, ocasião em que para se eleger Deputado Estadual, o candidato teria de obter um mínimo de vinte e cinco mil votos.

Participou efetivamente da vida política do município até o ano de 1955, ocasião que abandonou por completo a lide política.

Do seu trabalho à frente dos destinos administrativos do município, muitos já foram consumidos pelo tempo, mas, muitos permanecem ainda em pé, tais como as rodovias que ligam São Domingos do Prata à Dom Silvério, Nova Era e a João Monlevade, esta última muito remodelada por administrações seguidas.....

Privou da intimidade dos então componentes do Palácio da Liberdade e de todas as secretarias do Estado. Era como se diz vulgarmente “elemento palaciano”, pois dois de seus Presidentes e muitos ex-secretários foram seus alunos em Ouro Preto.

Fato talvez único na história política de Minas Gerais: No ano de 1922, o partido político então fundado pelo Dr. Edelberto de Lellis Ferreira em São Domingos do Prata, pleiteou e elegeu pela segunda vez, o Prefeito e a maioria da Câmara de Vereadores do município.

Desde o longínquo ano de 1922 até a presente data, com nuances, é claro, dada a longitude dos tempos, ora perdendo grandes companheiros, ora ganhando outros companheiros que lhe eram adversos, teve ininterruptamente o bastão da direção política do município em suas mãos.

Esta corrente política é hoje dirigida, entre outros, pelo Dr. José Mateus de Vasconcelos, pelo Prefeito José Gomes Domingues e pelo sr. Geraldo Santiago, genro de Dr. Edelberto de Lellis, e nunca, nestes longos 46 anos, perdeu uma única eleição municipal.

É virgem da derrota municipal. Elegeu todos os Prefeitos que indicou ao eleitorado de 1922, até a presente data.”

EM TEMPO: No texto de Paulino Cícero, acima transcrito, não consta a data em que o escreveu, mas supõe-se que seja no ano de 1955, quando ele dar a entender ter sido o ano em que Dr. Edelberto completou 46 anos da sua liderança política. (1908/1955). Algumas notícias de jornais da época, divergem um pouco de alguns dos fatos acima narrados, como se verá no decorrer deste.

O INÍCIO DA JORNADA.

Não consegui descobrir quais seriam os dois Presidentes (Governadores) que teriam sido seus alunos em Ouro Preto. Dr. Edelberto, depois de estudar em Ouro Preto, foi estudar medicina

em Salvador (Bahia), tendo depois, tão logo inaugurada a faculdade de medicina no Rio de Janeiro, para lá se transferido e colado grau em 1889. Pelo abaixo assinado da pág. 52, dá a entender ter ele chegado ao Prata por volta de 1900. Pode ser, que entre 1889 e 1899, ele tenha sido professor em Ouro Preto, onde já o eram dois de seus irmãos.

Não apurei a razão pela qual escolheu São Domingos do Prata para fixar residência, já que era oriundo da cidade de Ferros. Uma das hipóteses é a de que a sua irmã Salvina Maria Ferreira Maia tinha na cidade uma pensão, conforme descobri através de uma publicidade que ela inseriu no jornal “O Piracicaba”, edição de 08 de março de 1903. Porém pode ter ocorrido exatamente o oposto: Ela foi residir no Prata por ali estar morando o seu irmão, Dr. Edelberto.

Tão logo começou a clinicar no Prata, Dr. Edelberto arrumou uma namorada, a pratiana Maria Leocádia Santiago, com quem contraiu matrimônio em 1901 e teve inúmeros filhos, todos pratianos.

Enraizando em São Domingos do Prata logo Dr. Edelberto se integrou na comunidade local. Em 1900, já era um dos redatores do jornal “O Piracicaba”, juntamente com o Cônego João Pio, padre Pedro Domingues Gomes, Luiz Prisco de Braga, Alonso Starling e Albano Ferreira de Moraes.

Em 1902, foi um dos fundadores de uma Escola Normal em São Domingos do Prata, na qual foi docente, juntamente com Antônio Fernandes Pinto Coelho, Egídio Gomes da Silva Lima (Capitão Dico), Luiz Prisco de Braga, Joaquim Augusto Gomes Lima, Alonso Starling, padre Pedro Domingues Gomes e Cônego João Pio.

Em 1915, fundou um Externato, com aulas diurnas e noturnas, juntamente com Gustavo Alberto Penna, Antônio Fernandes Pinto Coelho (Juiz de Direito) e Domingos Gomes da Silva Lima (irmão do Capitão Dico).

Foi ainda docente do Colégio das irmãs de caridade francesas, Nossa Senhora das Dores, em cujo prédio foi criado o Hospital Nossa Senhora das Dores, do qual, juntamente com

outros pratianos, foi um dos fundadores e principal articulador da sua criação.

Hospital que no futuro, daria o seu nome à Sala de Cirurgia e tanto benefício carregou à população da região.

Foi também inspetor escolar do Grupo Escolar Cônego João Pio, cujo nome foi dado por ele, em 1930, quando Prefeito. Foi ainda professor na Escola Normal fundada em 1937, por José de Assis Santiago, onde lecionou “ciências”, tendo sido o paraninfo em 1939, da única turma formada nesse educandário.

Como médico, talvez esteja um de seus maiores méritos.

Nessa seara, transcrevo um trecho de um artigo de jornal pratiano publicado em sua homenagem:

“...A personalidade deste ilustre ferrense que São Domingos do Prata considera como um verdadeiro filho, não se limita apenas às fronteiras do nosso município, mas se estende por todo o Estado, ao qual, como representante de seu povo, prestou os mais relevantes serviços, quer como político de grande projeção, quer como Deputado Estadual, quer como médico de grande cultura e devotado ao seu mister.

Casando-se aqui, aqui constituiu sua numerosa família e entre nós vem vivendo a quase cinquenta anos, tendo dedicado toda a sua mocidade, todo seu trabalho e todo seu saber a esta grei que nunca se esquece de seu abençoado nome.

Não há no município, desde a mais abastada fazenda ao menor casebre, lugar onde o Dr. Edelberto não tenha levado o conforto de sua visita médica”

Ainda como médico, noticiou a imprensa pratiana:

“Sua vida é mais grandiosa quando se a encara pelo ângulo da medicina. Médico culto, inteligente e dedicado vem socorrendo a todos sem distinção de classe: pobre ou rico, branco ou preto, o Dr. Edelberto vem curando com aquele carinho todo especial que o caracteriza. (...).

“Não há neste São Domingos do Prata quem não haja recebido de sua pessoa os maiores favores médicos. Ele nunca respeitou a hora e o tempo para socorrer os enfermos.

Desde os primórdios de sua nobilitante carreira, época em que toda essa zona: Mariana até Itabira e Mesquita, que não dispunha de meios de transporte menos penoso, sob torrenciais chuvas ou sol ardente, viajava a cavalo dezenas de léguas para atender aos chamados, viessem esses de abastados ou de párias”.

A JORNADA POLÍTICA.

Traçando, em rápidas pinceladas, um perfil do cidadão, professor e médico, adentro agora na razão principal deste livro: Dr. Edelberto, o político e líder.

São Domingos do Prata até, aproximadamente, o ano de 1940, foi o principal município do leste mineiro, sob qualquer ângulo que se analise: econômico, população, extensão territorial, agropecuária, prestígio político, etc.

Desde 1890, quando de sua emancipação, até o ano de 1922, inclusive, a política no município foi liderada por componentes da família GOMES LIMA, entre eles, Virgílio Gomes Lima, conhecido como Virgílio Lima, Dr. Antônio Gomes Lima, conhecido como Dr. Gomes Lima (foi Senador Estadual, Deputado Federal por duas legislaturas, presidente do Banco do Brasil, etc.), Egídio Gomes da Silva Lima, conhecido como Capitão Dico e Manoel Martins Vieira, que teve uma de suas filhas, Nicolina Martins Vieira, casada com um Gomes Lima e até a sua morte em 1908, também exerceu forte liderança, tendo sido o primeiro Prefeito (Agente do Executivo) do município.

Até 1922, inclusive, foram estes os dirigentes do município: Manoel Martins Vieira, Tenente-Coronel Antônio Rodrigues Frade, Cel. Virgílio Lima, Raimundo Dias Duarte, Tenente Marcelino da Silva Perdigão, Luiz Caetano dos Santos, Capitão Francisco de

Paula Carneiro de Moraes, padre Pedro Domingues Gomes, Manoel José Gomes Rebello Horta e Capitão Dico (Egídio Gomes da Silva Lima).

A carreira política, com a ocupação de cargo no legislativo municipal, iniciou-se em 1908, quando foi eleito vereador e Vice-Presidente da Câmara.

Foram seus companheiros de vereança: Manoel José Gomes Rebello Horta (Presidente), Joaquim Martins Quintão, Theodolindo José dos Santos, Manoel Ezequiel de Andrade, Francisco Leôncio Rodrigues Rolla, José Izidro Martins Quintão, e padre Pedro Domingues Gomes.

Na Sessão da Câmara do dia 02 de julho de 1908, a que tive acesso, há duas proposições do Dr. Edelberto, quais sejam:

1ª - requerendo se inserisse em ata um voto de profundo pesar pelo passamento do Sr. Capitão José Agostinho Rodrigues Rolla, lembrando em breves palavras as excelsas qualidades do extinto e o interesse que o mesmo tomava pelo progresso do município.

2ª – Apresentando parecer propondo o reconhecimento dos vereadores Francisco de Paula Carneiro, geral, Francisco Ferreira Mendes, especial por Vargem Linda e Abeilard de Assis Moraes, especial por Ilhéus.

Já na Sessão do dia seguinte, 03 de julho de 1908, a seguinte postulação do Dr. Edelberto:

Requerimento à Câmara para que oficiasse coletivamente ao Presidente do Estado pedindo a instalação do distrito de SANTA ISABEL.

Depois desse período, o Dr. Edelberto não disputou e nem ocupou nenhum cargo no Executivo e nem no Legislativo, ressurgindo na eleição de 1922 e, a partir daí, como citado pelo ministro Paulino Cícero, manteve a sua incontestável liderança até 1955, quando, vencido pela idade (87 anos), retirou-se definitivamente da política e medicina e foi morar, junto com uma de suas filhas, na Fazenda do Alegre em Timóteo, onde veio a falecer em 15 de janeiro de 1969 (aos 101 anos), sendo as suas

cinzas enterrada, juntamente com esposa, uma irmã e um filho, no cemitério do Rosário em São Domingos do Prata.

De 1912 até 1922, inclusive, a governança no município, esteve à cargo do Capitão Dico (outro dos Gomes Lima), que fez um ótimo governo.

ELEIÇÃO EM 1922, POSSE EM JANEIRO DE 1923.

Na eleição realizada em dezembro de 1922 (posse em 1º de janeiro de 1923), Dr. Edelberto foi o vereador mais votado, tanto na Sede, como nos distritos de Vargem Alegre, Ilhéus, Santa Isabel, Alfié e Babilônia (atual Marliéria).

De acordo com as regras então vigentes, o mais votado tornava-se, automaticamente, além de Presidente da Câmara, Chefe do Executivo, que se denominava Agente do Executivo.

Foram seus companheiros na Câmara de Vereadores:

Francisco Leôncio Rodrigues Rolla, Joviano de Paula, José Izidoro Garcia, Luiz Prisco de Braga, Antônio Caetano de Souza, Raoul De Caux, Paulino Antônio de Castro, José Martins Drummond, Manoel Lúcio de Moraes e Domingos Cota de Oliveira e, criado nessa ocasião, o distrito de Jaguaraçu, foi eleito José Theodolindo Miranda para representá-lo.

Durante o seu mandato no período de 1923/1927, além de inúmeras realizações (algumas citarei em um tópico específico), a própria Câmara Municipal em reconhecimento, apresentou a seguinte MOÇÃO:

“Os vereadores da Câmara Municipal de São Domingos do Prata presentes à sessão de hoje, servem-se da oportunidade da primeira reunião ordinária do corrente ano para exprimir ao digno Presidente e Agente Executivo Municipal Exmo. Sr. Dr. Edelberto de Lellis Ferreira o seu prazer em vista da criteriosa orientação que S. Excia. vem imprimindo aos negócios do município, administrando-o aos olhos do povo em ampla publicidade que dá

a todos os seus atos e diante da solicitude, energia e justiça congregadas na arrecadação e escrupulo na aplicação de suas rendas, correspondendo assim à confiança de todos aqueles que o elegeram, fitando apenas o interesse da coletividade.

Aproveitam ainda os vereadores presentes o ensejo para renovar a sua S. Excia os protestos de sua solidariedade e decidido apoio, tanto à sua administração, como a sua orientação política”.

Sala de Sessões, 11 de janeiro de 1924.

**Luiz Prisco de Braga.
Francisco L. Rodrigues Rolla.
José Izidoro Garcia.
Manoel Lucio de Moraes.
José Martins Drummond.
Paulino Antonio de Araujo.
José Theodolindo de Miranda.
Raoul de Caux.**

Nesse mesmo ano, o Governo do Estado publicou no jornal oficial “O Minas Gerais”, a impressão sobre um relatório recebido sob a gestão do Dr. Edelberto:

O GOVERNO DO ESTADO E UM RELATÓRIO ENVIADO PELA CÂMARA SOBRE A GESTÃO DO DR. EDELBERTO.

“Recebemos o relatório apresentado à Câmara Municipal de S. Domingos do Prata, pelo presidente e agente do executivo, Dr. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, deputado do congresso mineiro.

Esse documento, que revela as qualidades de um administrador de vontade enérgica, orientando pelo mais sã patriotismo, informa com clareza e minucioso cuidado, sobre a vida do município de S. Domingos do Prata, em todos os seus aspectos.

O que para logo se nota no interessante trabalho é a louvável preocupação de administrar. Em matéria de obras públicas, muitas e urgentes eram as necessidades do município, entre os quais estavam os serviços de remodelação completa das instalações hidroelétricas, estradas de rodagem e outras, a tudo tendo o Dr. EDELBERTO DE LELLIS procurado dar remédio, o que conseguiu com o auxílio dos seus companheiros de Câmara e os aplausos de todos os seus co-munícipes.

As escolas mantidas pelo município, que apenas possuía uma, são agora em número de onze, funcionando todas regularmente (...).

Só esse grande serviço prestado a causa da instrução recomenda o esforço da administração municipal de S. Domingos do Prata (...).”

ELEIÇÃO EM 1927.

Em 17 de maio de 1927, realiza-se nova eleição para renovar os mandatos dos eleitos em 1922.

Novamente o Dr. Edelberto é o mais votado, sendo, portanto, reconduzido à Presidência da Câmara e a Agente do Executivo.

Também foram eleitos para Vereadores: Francisco Leôncio Rodrigues Rolla, José Marinho Quintão, José Izidoro Garcia, Antônio Caetano de Souza, Antônio Martins Vieira, Euclides Cassimiro Frade, Vicente Cândido Soares, Antônio Starling Martins da Costa, Raoul de Caux, José Theodolindo de Miranda e Manoel Olímpio de Magalhães.

O povo, após a Sessão solene da posse dos Vereadores e de Dr. Edelberto como Presidente da Câmara e Agente do Executivo, comemorou nas ruas, como se extrai deste trecho publicado pela imprensa local:

“..... Ao meio dia efetuou-se no Paço Municipal a posse dos novos membros da Câmara, sendo o edifício e toda as suas

adjacências completamente tomado por uma enorme massa humana que se comprimia e acotovelava na ânsia de render suas homenagens aos verdadeiros e legítimos representantes do povo.

(.....) Encerrada a sessão foi o Presidente da Câmara acompanhado até a sua residência por grande massa de povo.....

Durante o resto do dia entregou-se o povo as mais ruidosas demonstrações de entusiasmo, estando as nossas ruas repletas do que tem o Prata de mais seletos em todas as suas classes sociais.

À noite, o povo num sincero movimento de simpatia e apreço, fez uma carinhosa manifestação ao Dr. Edelberto de Lellis, como demonstração do muito que lhe deve a terra pratiana.

À porta de sua residência às 7 horas da noite uma grande multidão de manifestantes acompanhada por duas bandas de música, sendo o homenageado saudado por calorosas palmas e vivas ao assomar uma das janelas de sua residência.

Em nome dos manifestantes pronunciou o Dr. Claudiano Drummond um vibrante discurso de saudação ao ilustre político, pondo em relevo as suas invulgares qualidades de caráter e de honradez e significando a enorme confiança com que o povo acompanhava a sua nova ascensão à presidência da Câmara. (.....).

A noite realizou-se um grande baile nos salões do Paço municipal profusamente iluminado, prolongando-se as danças até a madrugada (.....).”

CONGRESSO DOS MUNICÍPIOS EM ITABIRA.

Ainda nesse período, o Dr. Edelberto participou de um Congresso das municipalidades em Itabira. Foram tantos os elogios pela sua participação, que selecionei apenas esse:

“.... A propósito da fecunda atuação do Dr. Edelberto de Lellis, recebemos os seguintes despachos do farmacêutico João Dias Duarte, (.....):

“Itabira, 29. – A brilhante tese apresentada pelo Dr. Edelberto congresso municipalidades nordeste teve extraordinário êxito. Abordou assunto instrução pública com uma verdadeira maestria surpreendendo a todos sua vasta cultura. A comissão encarregada a dar parecer sobre seu esplêndido trabalho aceitou, sem nada alterar, suas conclusões, elogiando francamente sua magnífica tese. João Dias Duarte”.

No final do artigo o jornal transcrevia as felicitações recebidas pelo Dr. Edelberto por parte do mineiro de Sabará e Vice-Presidente da República o Dr. Fernando de Mello Vianna.

AGÊNCIA DO CORREIO EM SÃO JOSÉ DO GOIABAL em 1927.

“Foi entusiasticamente instalada no dia 15 do corrente, a Agência do Correio de São José do Goiabal do distrito do Juirassú. Desde a manhã se notava desusado movimento naquele próspero povoado.

Cerca de 11 horas, centenas de foguetes anunciando a chegada ali do Snr. Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Presidente da Câmara, acompanhado de grande número de amigos dos distritos de Dionísio e Juirassú.

O povo delirou de entusiasmo por ver em seu meio o seu querido chefe. Ao meio dia foi solenemente instalada a Agência do Correio, falando nessa ocasião o Presidente da Câmara que, em vibrante oração, congratulou com os habitantes daquele povoado, pelo importante melhoramento que vinham de inaugurar, ouvindo-se ao terminar, prolongada salva de palmas que abafaram as últimas palavras do orador.....”

NOTA: No período de 1923 a 1926, Dr. Edelberto acumulou as funções na área municipal, com a de Deputado Estadual, o que o obrigava a ir até Belo Horizonte participar das Sessões, na época à cavalo.

Essa fase como Deputado estadual, vai ser objeto de uma consideração específica.

Em 1930, com a vitória da Revolução, capitaneada pelo Estado de Minas Gerais e que levou Getúlio Vargas ao poder, pela primeira vez, a denominação Agente do Executivo foi trocada pela de Prefeito, tendo sido expedido o Decreto Federal, de 11 de novembro de 1930, que em seu artigo 11, parágrafo 4º, estatuiu:

“O Governo Provisório nomeará um interventor para cada Estado, salvo para aqueles já organizados, em os quais ficarão os respectivos presidentes (nome dado aos governadores, até então).

§ 4º - O interventor nomeará um PREFEITO para cada município que exercerá aí todas as funções executivas e legislativas, podendo o interventor exonerá-lo quando entender conveniente ...” (Letra garrafal por minha conta”.

Olegário Maciel, então Presidente do Estado, em cumprimento ao Decreto Federal acima mencionado, expediu o Decreto Estadual 9768, de 24.11.1930, determinando:

“Ficam, pois, dissolvidas as assembleias legislativas municipais em todo o Estado, sendo elas substituídas por um PREFEITO, que exercerá simultaneamente os dois poderes: legislativo e executivo.” (Letra garrafal por minha conta).

Portanto, dissolvidas as Câmaras de Vereadores e destituídos todos os Agentes do Executivo (Prefeitos), caberia ao Interventor (no caso de Minas Gerais, por liderar o movimento revolucionário, o Presidente do Estado foi mantido), nomear os Prefeitos.

Em São Domingos do Prata, foi nomeado, depois de disputar e vencer duas eleições simultâneas e outra em 1908, o Dr. Edelberto, em reconhecimento a sua capacidade, honestidade e apoio ao movimento, no qual dois de seus filhos pegaram em

armas, arriscando as suas vidas em defesa dos interesses do Estado de Minas Gerais.

Assim é que, em 19 de dezembro de 1930, perante o Juiz de Direito da comarca, tomou posse e entrou no exercício do cargo de Prefeito, o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, tendo o mesmo permanecido no cargo e exercido a função até 14/08/1936.

Nessa ocasião a imprensa pratiana, em suprema síntese, noticiou:

“...Desnecessária se torna escrever a biografia do honrado prefeito, de vez que, há tantos anos na direção política do município, ele se tornou credor da confiança e simpatia do povo pratiano, quer por sua eficiência administrativa, quer por sua consagrada honestidade, que sempre foi o apanágio de sua conduta moral.

O ato coerente e nobre do Governo de Minas, lavrando e publicando tão sugestiva nomeação vem escoar em nós à sinceridade e nobreza dos processos do Dr. Olegário Maciel, que encarna hoje a decidida aspiração do povo mineiro (.....).

Damos parabéns ao povo pratiano pela conservação do Dr. Edelberto na direção política e administrativa do município, porque pelos seus dotes morais, pela sua inteligência esclarecida e pelo grande estímulo que tem pelo progresso de nossa terra, pode realizar muito em benefício desta zona, resumindo, pois, o espírito liberal e progressista dos filhos de S. Domingos do Prata”.

Em outra publicação, a mesma imprensa pratiana noticiou:

“...Efetuada a posse e lavrado o competente termo, o íntegro juiz, Dr. Joaquim Pereira da Silva, em brilhante alocução, congratulou-se com o povo pratiano por ver novamente dirigindo os destinos do município, sem solução de continuidade, o mesmo

cidadão que, dada a sua envergadura moral de homem probo e administrador honesto, como bem demonstrado as contas por ele prestadas quando presidente da extinta Câmara Municipal, se fizera credor da confiança do governo do Estado.

Agradecendo o Dr. Edelberto em ligeiras palavras, traçou o programa do seu governo e se dizendo compenetrado da grande responsabilidade que ora lhe pesa aos ombros, ao encetar a nova estrada salpicada de abrolhos, (.....).

**As suas últimas palavras foram abafadas por prolongadas palmas e as senhoritas presentes lhe atiraram pétalas de rosa. (.....)”.
.**

À noite desse mesmo dia grande massa popular, tendo à frente a banda de música, fez significativa manifestação ao Dr. Edelberto pelo motivo de sua posse.

Em nome do povo do município falou, à porta do homenageado, o talentoso advogado Dr. Annibal de Moraes Quintão, que, em longo discurso, após salientar as qualidades do Dr. Lellis, amigo desta terra e exemplar chefe de família, fez um verdadeiro apanhado da feliz e honesta administração de sua excelência na gestão deste município, onde ele tem sabido se impor à estima, ao respeito e à admiração dos nossos conterrâneos.

Visivelmente emocionado usou da palavra o Sr. Prefeito reafirmando os pontos de vistas dos seus programa e que aceitara a sua nomeação para este posto de sacrifício, única e exclusivamente, para servir à causa de nossa Terra, terminando o seu belo improviso com uma amistosa saudação ao povo de São Domingos do Prata.”

ALGUNS DOS MELHORAMENTOS NO MUNICÍPIO LISTADOS POR UM JORNAL PRATIANO.

O jornal, na sua edição de 21 de junho de 1931, lista os melhoramentos que estão sendo realizados neste mandato. Vou citar alguns deles.

“Já se acham bem adiantados, devendo estar concluído talvez até o fim desta semana, os serviços da canalização da rede complementar de abastecimento de água potável nesta cidade. (.....).

Outro problema de interesse vital para a população, porque interessa de perto à saúde pública, é o relativo à rede de esgotos.

(.....). É o que vai fazer o Sr. Prefeito mandando executar o serviço de esgoto nas principais ruas, até que o estado financeiro do município permita completar a obra. (.....).

Abrir estradas, disseminar a instrução e cuidar da saúde pública foram os três pontos capitais da administração do atual Prefeito, desde que o povo o colocou à frente dos públicos negócios do município.

Naquilo que dependeu do governo do Estado o Sr. Prefeito empregou sempre os seus melhores esforços, conseguindo a criação de dezenas de escolas, a faturação de três estradas de automóveis e de um posto de higiene nesta cidade.

No departamento municipal não escapará a quem observar sem paixão o que S.S. fez em relação à canalização de água potável em alguns distritos, estradas, pontes, bueiros e criação de escolas municipais.”

RENÚNCIA AO CARGO DE PRESIDENTE DO PARTIDO.

Em 1931, dr. Edelberto, demonstrando o seu comportamento ético, comunicou ao povo pratiano, através de publicação na imprensa local:

“Sendo inteiramente incompatível o cargo de Prefeito com a direção política do município, venho declarar aos meus amigos que, enquanto durar o meu mandato de Prefeito, ficará encarregado da direção política, o Cel. Francisco Leôncio

Rodrigues Rolla a quem passo o exercício de Presidente do Diretório Político Central. (.....)”.

NOVAS ELEIÇÕES EM 1936.

Em 1936, exceto quanto as capitais e estâncias minerais, nas quais a nomeação ainda persistiria, foi permitida a realizações de eleições para vereadores (cujas Câmaras estavam fechadas desde 1930) e para Prefeitos.

No livro “Meus Cadernos – De São Domingos do Prata a Brasília”, que conta a vida do ministro Paulino Cicero, na página 14, foi publicada, de minha autoria, a seguinte passagem:

“CHEGADA DE PAULINO CÍCERO A SÃO DOMINGOS DO PRATA. (.....).

O Dr. Edelberto (Edelberto de Lellis Ferreira) governou até 1936 (1923 a 1936), quando resolveu retirar-se das funções legislativas e executivas, mantendo somente a sua incontestável liderança política.

Em 1936, o Governo Central permitiu que houvesse eleições para as Câmaras de Vereadores, fechadas desde 1930.

Em São Domingos do Prata essas eleições se realizaram em agosto de 1936. O Dr. Edelberto, para sua sucessão, como Prefeito, vai buscar um jovem médico residente em Dionísio, chamado Dr. José Matheus de Vasconcelos, ainda pouco conhecido na sede do município, não obstante a forte oposição de antigos e leais aliados políticos.

Porém, Dr. Edelberto, com a sua experiência, sentiu que o município necessitava de “sangue novo”, além de ter visto nele um grande potencial, tanto na área médica, quanto na política.

O tempo demonstrou o acerto da opção, embora os demais também fossem capazes. Em 1936, Dr. Mateus teve, em face de

sua indicação, que mudar-se, juntamente com a sua jovem esposa e seu filho Paulo Vasconcellos de apenas um ano de idade, e enfrentar uma verdadeira odisseia, posto não existir naquela época estrada ligando o Distrito de Dionísio à sede, sendo o cavalo o meio mais adequado de transporte, via trilhas usadas normalmente por tropeiros da região.

Para agravar ainda mais o percurso, a jovem esposa de Dr. Matheus estava grávida de ninguém menos que **PAULINO CÍCERO DE VASCONCELLOS**, que no futuro seria Ministro do Governo do Presidente Itamar Franco, além de outros cargos e funções de relevo e hierarquia por ele ocupados, de conhecimento geral.

Com o apoio decisivo de Dr. Edelberto, em que pese a forte oposição desses antigos aliados, o jovem médico obteve uma votação expressiva e foi eleito, juntamente com uma nova Câmara de Vereadores, da qual meu pai, Manoel Martins Gomes Lima (Vulgo Neneco e futuro prefeito), Geraldo Quintão (futuro deputado Estadual) e Nelson de Lima Bruzzi (Iria tornar-se o primeiro prefeito do município de Nova Era, então denominado Presidente Vargas) também passaram, entre outros, a fazer parte.....”

Na realidade, no sistema eleitoral vigente para essas eleições, o candidato indicado para ser Prefeito não recebia votação. Os eleitores votavam nos candidatos a vereadores, daí o partido vencedor tinha direito a indicar o Prefeito.

Pela situação, o Dr. Edelberto (líder do partido vencedor e novamente o vereador mais votado na eleição), indicou o médico, Dr. José Mateus de Vasconcelos.

Pela oposição, caso vencesse a eleição, o Prefeito seria o médico Ângelo Fusaro Filho.

CANDIDATURA DO DR. MATHEUS PARA PREFEITO NA ELEIÇÃO DE 1936.

A REUNIÃO DO PARTIDO PROGRESSISTA.

No dia 7 de março de 1936, reuniram-se no sobrado onde o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira mantinha a sua residência, todos os diretórios distritais e o municipal do P.P.

Nessa assembleia, à qual compareceram todos os membros dos Diretórios do P.P., em número de 50, tratou-se das medidas a se pôr em prática para a eleição municipal em 7 de junho de 1936.

Foi então, por indicação do Dr. Edelberto, através das palavras de Leandro Domingues Gomes, e com a aprovação unânime de todos os Diretórios, aclamado o nome do médico Dr. José Mateus de Vasconcelos.

O nome do Dr. Matheus por si só constituía uma bandeira, pois tem sobejamente todos os requisitos para bem administrar o município - Cultura variada, inteligência brilhante, honesto e grande capacidade de trabalho.

Além disso, ele, como todos do Partido Progressista, apoiam o governo Central de Getúlio Vargas e também, no Estado, o Governador Benedito Valadares.

CANDITADOS A VEREADORES NA ELEIÇÃO MUNICIPAL DE 1936, PELO PARTIDO PROGRESSISTA E PARTIDO RESTAURADOR PRATEANO.

PELO PARTIDO PROGRESSISTA.

1 - Dr. Edelberto de Lellis Ferreira.

2 - Cel. José Izidoro Garcia.

3 - Antônio Pedro Braga.

4 - Domingos Correa Dias.

5 - Phco. Nelson de Lima Bruzzi.

6 - Domingos Cotta de Oliveira.

7- José Marinho Quintão.

8 - Henry de Caux.

9 - Duval Mendes.

10 -José Augusto Drummond.

11 - José Theodolindo de Miranda.

12 – Vicente D’Anunciação Braga.

13 – José Gomes Domingues.

14 - Joaquim Leão Estevam.

PELO PARTIDO RESTAURADOR PRATEANO. (Da oposição)

1 – Ângelo Fuzaro Filho - médico.

2 – José Martins Drummond.

3 – Geraldo Moraes Quintão.

4 – Pedro Soares de Azevedo.

5 – Farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima (meu pai).

6 – Cel. Francisco Leôncio Rodrigues Rolla.

7 – Euclides Cassemiro Frade.

8 – Luiz Prisco de Braga.

9 – Cap. Cornélio Coelho da Cunha.

10 – José Cupertino Pimentel.

11 – José Severo Filho.

12 – Manoel Gomes Domingues.

13 – Sebastião Vasconcellos.

14 – Cel. Manoel Olímpio de Magalhães.

Apurado os votos, o Partido Progressista elegeu os nove primeiros vereadores, tendo o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira sido o mais votado, daí ter virado o Presidente da Câmara.

O Partido Restaurador Prateano (o da oposição) elegeu os cinco primeiros vereadores.

Quatro vereadores eleitos pela oposição, não compareceram, em 16/08/1936, à posse do Dr. Mateus, quais sejam:

- José Martins Drumond.**
- Manoel Martins Gomes Lima.**
- Pedro Soares de Azeredo.**
- Geraldo Quintão.**

A curiosidade é a de que Manoel Martins Gomes Lima (meu pai), nessa época namorava a filha do Dr. Edelberto, Janua Coeli Lellis Ferreira (minha mãe) e com ela se casaria no dia 25 de maio de 1938 e teve como um dos padrinho o antigo adversário político, o Dr. José Mateus de Vasconcelos.

Na oposição, Manoel Martins Gomes Lima era partidário da corrente de seu parente, também Gomes Lima, Capitão Dico.

Após o casamento, e sendo novamente fechadas pelo governo central, as Câmaras de Vereadores e extintos os mandatos dos Prefeitos, ele, embora em face do seu espírito sempre conciliador, continuasse transitando e apaziguando

ambas as correntes, tornou-se edelbertista, isto é, partidário do Dr. Edelberto.

Outra curiosidade, foi a eleição do vereador Nelson de Lima Bruzzi. Pouco tempo da sua posse, ele pediu demissão e foi residir em Nova Era, tendo, em 31 de dezembro de 1938, sido nomeado o primeiro Prefeito do município, que nessa época chamava-se Presidente Vargas, em substituição ao centenário nome de São José da Lagoa.

No lugar de Nelson de Lima Bruzzi, assumiu o cargo de Vereador, o sr. Vicente D'Assunção Braga.

APÓS A SUA POSSE EM 1936. DR. MATEUS APRESENTOU UM RELATÓRIO À CÂMARA DE VEREADORES, DO QUAL EXTRAIO A SEGUINTE PARTE:

“(.....) E este estímulo será o farol que me ensinará o caminho executivo para que, no governo de São Domingos do Prata a minha gerência seja digna da administração, por todos os títulos honesta, operosa e brilhante de meu ilustre antecessor, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, cuja vida tem sido uma bela página toda cheia de serviços apresentados ao município, qualquer o prisma em que se mire (...).”

A seguir, na primeira foto, Sessão solene da posse de Dr. Mateus em 1936, tendo sido presidida pelo Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Presidente da Câmara por ter sido o vereador mais votado.

Em pé na Mesa: Duval Mendes, Dr. Edelberto e Dr. Mateus.

Na segunda, foto de 12 dos vereadores eleitos em 1936.



Da direita para esquerda: Henry Caux, José Marinho Quintão, Domingos Amâncio Correia, Antônio Pedro Braga, José Isidoro Garcia, Duval Mendes, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira (presidente da Câmara), Nelson de Lima Bruzzi, Geraldo Quintão, José Martins Drumond, Manoel Martins Gomes Lima e Domingos Cota de Oliveira.

EXTINÇÃO DA CÂMARA ELEITA EM 1936 E DO MANDATO DO PREFEITO.

Essa Câmara e os mandatos dos vereadores, duraram pouco tempo. Em 10 de novembro de 1937, com a implantação do chamado Estado Novo, ainda sob a Presidência de Getúlio Vargas, foram outra vez fechadas todas as casas legislativas do país e extintos os mandatos dos Prefeitos, inclusive o de São Domingos do Prata.

NOMEAÇÃO, PELO GOVERNADOR DO ESTADO, DO NOVO PREFEITO.

Contudo, pelo pouco tempo de governo e ainda praticamente desconhecido pelo Governo Estadual, foi mais uma vez o Dr. Edelberto, com o prestígio que possuía nesta área, como reconhecido pelo próprio ministro Paulino Cícero nas primeiras páginas deste, quem conseguiu a recondução ao cargo de Prefeito de Dr. Mateus, só que agora através de nomeação pelo Governador do Estado, Benedito Valadares.

O ato do Governador, assinado por ele e por José Maria Alkmin, estava assim redigido:

“O Governador do Estado de Minas Gerais, de acôrdo com o artigo 27 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, resolve nomear para o cargo de prefeito do município de SÃO DOMINGOS DO PRATA, o dr. José Mateus de Vasconcelos.

Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 29 de novembro de 1937.”

Em 18 de dezembro de 1937, o Dr. José Mateus de Vasconcelos tomou posse perante o Secretário do Interior, com vencimentos de acordo com o Decreto-Lei nº 11, de 13 de dezembro de 1937 e subsídio mensal de 650\$000, com representação equivalente a 30%, ou seja 195\$000.

Dr. Mateus, neste segundo mandato, governou até 30 de dezembro de 1941.

NOVOS PREFEITOS POR INTERFERÊNCIA DO DR. EDELBERTO.

Terminado o mandato do Dr. Mateus, o Dr. Edelberto consegue a nomeação de seu filho (um dos que pegou em armas na revolução de 1930), o jovem engenheiro e ex-professor da Universidade Federal de Viçosa, Dr. Nelson de Lellis Ferreira, que governou por pouco tempo (de 31.12.1941 a 19.10.1943), por ter sido convidado para trabalhar na Usina de Volta Redonda, que estava sendo inaugurada naquela época.

Em seguida, ainda por interferência do Dr. Edelberto, é nomeado o farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima (Neneco – Formado pela Universidade Federal de Farmácia), seu genro, que governou de 19 de outubro de 1943 até 07.02.1946.

NOTA: Veja meu livro “Quatro Prefeitos de São Domingos do Prata, da primeira metade do século XX, algumas de suas realizações”.

Depois de Neneco, são nomeados sucessivamente, embora tenham governado por pouco tempo: Duval Mendes e Dr. José Olímpio da Fonseca Filho, todos do partido político do Dr. Edelberto e Chiquito de Moraes, esse da U.D.N., mas já dentro do objetivo de pacificar a política pratiana, sonho do farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima.

A CHAPA ÚNICA NA ELEIÇÃO DE 1947.

Redemocratizado o país, São Domingos do Prata realizou em 23 de novembro de 1947, uma nova eleição para prefeito e vereadores.

Pela primeira vez na história do município, situação e oposição se compuseram e lançaram “chapa única”.

Para essa conquista, muito contribuiu o espírito conciliador do ex-prefeito Manoel Martins Gomes Lima e também da ainda forte liderança do Dr. Edelberto. Aliás, após eleitos, todos se dirigiram até o sobrado do Dr. Edelberto, para agradecê-lo, ocasião em que fez um pronunciamento, publicado em um de meus livros.

PRATIANO CONCILIADOR –

É sabido que a política em São Domingos do Prata, na primeira metade do século XX, era bastante conflitante entre as correntes políticas e ideológicas então existentes.

Manoel Martins Gomes Lima (Neneco), transitando livremente por essas diversas correntes, levava sempre o seu exemplo de moderação, equilíbrio e conciliação, o que culminou, a meu juízo, pela primeira vez na história política de São Domingos do Prata, com a união de todos os partidos então existentes, formando uma chapa única para a eleição que se realizou em 1947.

Em seu discurso de despedida como prefeito, em 1946, Neneco pronunciou:

“(...) julgo que é necessária a união de todos os pratianos para o bem do nosso Prata.

Devo frisar que encontrei a máxima boa vontade para a almejada pacificação entre os elementos da facção dominante, que, embora tenham pessoas de sobra para dirigirem o Município e contem com a simpatia de grande maioria da população, acham que devemos aproveitar os bons elementos do outro lado e formarmos assim um único bloco para que o Município, coeso, possa exigir dos dirigentes do Estado o que necessita”.

Embora desde 1923, o partido político a qual era filiado o Dr. Edelberto e todos os demais prefeitos nomeados por indicação dele, é quem dominava, para demonstrar a sinceridade no pedido de conciliação lançado por Manoel Martins Gomes

Lima, foi nomeado prefeito, ainda graças ao prestígio do Dr. Edelberto junto ao Palácio da Liberdade, Chiquito de Moraes, pertencente a U.D.N., que governou de 15 de abril de 1947 até 31 de dezembro do mesmo ano, quando, no dia seguinte, tomou posse os candidatos que compuseram a chapa única.

Pelo menos na eleição de novembro de 1947, o sonho de Neneco foi realizado.

Já ancião pelos padrões da época (79 anos), todos os eleitos, em um pleito de gratidão, dirigiram-se ao sobrado do Dr. Edelberto para homenageá-lo e agradecê-lo.

Por volta de 1946, sobre Dr. Edelberto referiu-se o professor Joaquim A. Miranda:

“...Com o novo Prefeito Duval Mendes, ao lado do Velho político Dr. Edelberto, o maior benfeitor desta terra...”

OS ELEITOS EM 1947.

Na eleição realizada em novembro de 1947, posse em 28 de dezembro de 1947, foram eleitos os seguintes vereadores:

- José Olímpio da Fonseca Filho - (P.S.D.)**
- José Izidoro Garcia - (P.S.D.)**
- Félix de Castro - (P.S.D.)**
- Pedro Henrique Nicolau - (P.S.D.)**
- Olinto Gomes Martins - (P.S.D.)**
- Jaime de Moraes Quintão - (P.S.D.)**
- Peraclito Americano - (P.S.D.)**
- Cristiano Moraes - (P.S.D.)**
- Antônio de Pádua Lima - (U.D.N.)**
- Ézio de Araujo Silva - (U.D.N.)**

- Raimundo Izidoro de Braga – (U.D.N.)

- Lúcio Monteiro de Oliveira – (P.R.)

- Oswaldo Gomes da Silva – (P.R.)

Prefeito: Dr. José Mateus de Vasconcelos – (P.S.D.)

Vice-Prefeito: Manoel Martins Gomes Lima – (P.S.D.)

A chapa única se formou com candidatos dos partidos: P.S.D., U.D.N. e P.R.

ALGUMAS DAS REALIZAÇÕES DO DR. EDELBERTO NOS PERÍODOS EM QUE FOI PREFEITO.

ESTRADAS DE RODAGEM.

São Domingos do Prata sempre foi um grande celeiro de produtos agrícolas, cuja produção superava em muito a necessidade do consumo interno, tornando necessária, sob pena de perder a produção, exportá-la.

Para facilitar o escoamento da produção, era necessário construir estradas que ligassem o município aos centros consumidores do país.

Naquela altura da vida pratiana, havia na região, na ausência de uma ferrovia, dois locais ideais para escoamento da produção e também de passageiros, quais sejam: as estações ferroviárias localizadas em Saúde (atual Dom Silvério) e São José da Lagoa (atual Nova Era).

Por Dom Silvério, os produtos e os pratianos poderiam chegar à toda zona da Mata, além de todo o Estado do Rio de Janeiro, inclusive à própria cidade, então capital Federal.

Por Nova Era, se exportaria, via ferrovia Vitória- Minas, para toda a região do Vale do Rio Doce, além do Estado do Espírito Santo e o porto de Vitória e outras regiões do país.

Pela ferrovia Central do Brasil, se chegaria à capital Mineira e daí para uma imensa quantidade de municípios, além de diversas localidades do país, inclusive o Estado de São Paulo.

Como disse Dr. José Mateus de Vasconcelos em um de seus discursos: “Nova Era ponto terminal e entroncamento de três grandes estradas de ferro: E.F.V.M. – E.F.C.B. – E.F.L.R. (Estrada de Ferro Vitória-Minas, Estrada de Ferro Central do Brasil e Estrada de Ferro Leopoldina Railway), fato raríssimo nas realizações ferroviárias de qualquer país do mundo.”

Em 1944, São Domingos do Prata exportava anualmente, pelas estações ferroviárias de Nova Era, Dom Silvério e Rio Casca um milhão de sacas de café, além de milho, feijão e arroz.

Durante os períodos de seu governo, foram construídas diversas estradas, ligando São Domingos do Prata à diversas regiões do país.

O jornal “A Voz do Prata”, chegou a noticiar que abrir estradas, disseminar a instrução e cuidar da saúde pública foram os três principais pontos capitais da administração do Dr. Edelberto, desde que o povo o colocou na direção do município.

CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS DE RODAGEM –

Dizia um jornal pratiano sobre um aspecto do governo do Dr. Edelberto:

“Abrir estradas, disseminar a instrução e cuidar da saúde pública foram os três pontos capitais da administração do atual Prefeito, desde que o povo o colocou à frente dos públicos negócios do município...”

São Domingos do Prata sempre foi um grande celeiro de produtos agrícolas. Até por volta de 1940, como já disse

anteriormente, era o principal município de leste mineiro, sob qualquer ângulo que se enfocasse: econômico, cultural, extensão territorial, riquezas minerais, população, etc.

Contudo, na ausência da ferrovia prometida desde o final do século 19, mas dependente de verba do governo federal, que nunca saía, foi necessário a construção de estradas de rodagem para ligar São Domingos do Prata aos grandes centros consumidores da época.

A produção agrícola era muitas vezes superior à necessidade do consumo interno, daí, sob pena de perder o excedente e desestimular a produção, a necessidade da construção de rodovias.

Na época já existia a estação ferroviária de Saúde (Dom Silvério), controlada pela Estrada de Ferro Leopoldina, que ligava aquela região à zona da Mata, Estado do Rio de Janeiro e a então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, daí poderia se irradiar para diversas regiões do país.

Em Nova Era havia outra Estação Ferroviária, da qual poderia exportar seus produtos através da Estrada de Ferro Vitória Minas, atingindo todo Vale do Rio Doce, além do Estado do Espírito Santo, o porto de Vitória e até o nordeste brasileiro.

Havia ainda, com bitola diferente, a Estrada de Ferro Central do Brasil que ligava Nova Era à Belo Horizonte e daí os produtos poderiam ser irradiados por toda a região central, o triângulo, Estados do Centro Oeste, São Paulo, etc.

Essas mesmas rodovias que “desaguavam” nas Estações Ferroviárias acima citadas, passaram a ser utilizadas por dezenas de práticos (as) para estudarem e visitarem diversas regiões do país.

Além dessas, havia a necessidade de uma estrada de rodagem que encurtasse a distância entre São Domingos do Prata a Belo Horizonte e outra, até Antônio Dias, para fazer a ligação com as Ferrovias Vitória-Minas e a Leopoldina Railway.

Também nesta área foi profícua a atuação do dr. Edelberto, como se demonstra a seguir:

INAUGURAÇÃO DA ESTRADA SAÚDE (DOM SILVÉRIO) A SÃO DOMINGOS DO PRATA.

De um jornal pratiano, pinço o seguinte trecho:

“A terra pratiana vê hoje (30.09.1928) coroados os esforços dos filhos mais devotados, dos seus mais incansáveis benfeitores, com a inauguração da rodovia Saúde – São Domingos do Prata.

Esta data há de ficar registrada como a de nossa verdadeira emancipação econômica....

Libertando-nos do velho carro de boi e das vagarosas caravanas de muares, o automóvel corre hoje triunfante em toda esta vasta e futura zona.....abrindo novos surtos na evolução social e econômica da terra pratiana.

.....A Construção dessa estrada, que os entendidos na matéria dizem ser uma das melhores..., e na qual o governo gastou não pequena soma, constituiu ainda um atestado insofismável do valor da atual administração política deste município perante o governo do Estado, que ciente do prestígio e da honradez de seus membros, não lhe tem regateado seu concurso, sempre que lhe é reclamado, mostrando mesmo evidente empenho em satisfazer os desejos de quem tão bem sabe dirigir um povo...”

CONSTRUÇÃO DA RODOVIA ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E SÃO JOSÉ DA LAGOA (ATUAL MUNICÍPIO DE NOVA ERA).

Esta estrada também foi vital para o desenvolvimento do município que, por longos anos, foi o principal do leste mineiro.

Em face do prestígio que o Dr. Edelberto possuía com os diversos governos que passaram pelo Palácio da Liberdade, fato reconhecido pelo próprio ministro Paulino Cícero no início deste, foi expedido o seguinte diploma legal:

“Decreto nº 9.507.

Concede à Câmara Municipal de São Domingos do Prata subvenção quilométrica para construção de uma estrada de automóveis ligando São Domingos do Prata a São José da Lagoa.

O Presidente do Estado de Minas Gerais, de acordo com o artigo 150 e seu parágrafo do regulamento que baixou com o decreto n. 6.446, de 2 de janeiro de 1924, resolve conceder à Câmara Municipal de São Domingos do Prata a subvenção a que se refere o artigo 141 do decreto aludido, para construção de uma ESTRADA DE RODAGEM LIGANDO SÃO DOMINGOS DO PRATA A SÃO JOSÉ DA LAGOA.

O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas fica autorizado a celebrar o respectivo contrato, no qual serão observadas as disposições do regulamento n. 6.446, de 2 de janeiro de 1924.

Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, aos 20 de março de 1930.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

Djalma Pinheiro Chagas.”

(Letra garrafal por minha conta).

NOTA: O Prefeito e Presidente da Câmara na época e responsável pela construção da estrada, era o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira.

ESTRADA DE RODAGEM ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E BELO HORIZONTE.

Não se necessita de maiores explicações sobre a importância desta estrada, ligando o Prata à capital mineira, outra região de grande consumo para os produtos pratianos, bem como para locomoção dos cidadãos.

Um jornal da terra, em 1932, dava ênfase à seguinte notícia:

“O ilustre Prefeito de nosso município acaba de solucionar um dos problemas de maior alcance para o progresso de grandeza de nossa zona, com a construção de estrada de rodagem que nos vai ligar diretamente com a Capital Mineira, passando pela Villa Rio Piracicaba (...).

Este importante melhoramento, aspiração antiga do povo pratiano, não vem trazer vantagens apenas aos dois municípios empenhados na sua realização, beneficiará toda esta zona, inclusive o vizinho município de Antônio Dias, que com a inauguração definitiva da estrada Antônio Dias ao Alfié, fica também, ligado diretamente a Capital do Estado, passando por esta cidade.

Sobre esta estrada o Dr. Edelberto em seu relatório relativo ao 1º e 2º semestres de 1932, datado de 15 de julho de 1933, dirigido ao Secretário do Estado do Interior, fez constar o seguinte, em ortografia atual:

“No empenho de estabelecer brevemente comunicação rápida entre esse município e a Capital e obedecendo a patriótica sugestão do Conselho Consultivo dessa Prefeitura, mandei orçar e pôr em hasta pública uma estrada de automóveis ligando essa cidade à linha divisória entre esse e o vizinho município do Rio Piracicaba, onde encontrará o trecho rodoviário em território daquele município.

Esta estrada que espero ver concluída em 60 dias, ligará essa cidade a Belo Horizonte em um percurso de 6 horas, com

uma economia de cerca de 68 quilômetros, que é a diferença para menos entre a estrada em construção e a atual que passa por Itabira.

ESTRADA DE RODAGEM ATÉ ANTÔNIO DIAS PARA FAZER A LIGAÇÃO COM A FERROVIA VITÓRIA-MINAS E A LEOPOLDINA RAILWAY.

A imprensa pratiana publicou em 1930:

“Dentro de pouco tempo ficará concluída a estrada de automóvel que ligará o município do Prata à cidade de Antônio Dias, graças aos esforços de Dr. Edelberto de Lellis, nosso Presidente da Câmara e do Dr. Eduardo Euzébio de Britto, deputado estadual e filho do município vizinho, que concorrerá como fator primário para o progresso de toda essa zona.

A ligação, por estrada de automóvel, da Vitória-Minas com a Leopoldina, virá refletir grandemente nos centros econômicos e produtivos desta terra, que será a maior beneficiada com a nova rodovia.”

ESTRADA DE RODAGEM PRATA A JOÃO MONLEVADE.

No início deste, fato que eu desconhecia, o ministro Paulino Cícero diz ter sido o Dr. Edelberto responsável pela construção da Estrada entre São Domingos do Prata e João Monlevade, mas completa dizendo ter sido ela remodelada pelas administrações seguintes.

Obviamente, estava referindo-se a antiga estrada que passava pelo Morro do Pião.

Em 04 de dezembro de 1941, o então Prefeito, Dr. José Mateus de Vasconcelos, já no final de seu mandato, assinou um contrato com a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira para construção de uma Estrada até João Monlevade.

Na realidade de então, seria um grande melhoramento para uma estrada, em condições inadequadas para as passagens dos caminhões que carregavam carvão, extraídos de terras pratianas, para a usina Siderúrgica de João Monlevade.

Por esse contrato, a Belgo Mineira se comprometia a construir a estrada de rodagem que passava pelo povoado do Barro Branco e Morro do Pião, tendo a Prefeitura que pagar determinada quantia após entrega da obra. O prazo de entrega definitiva da obra seria 30 de junho de 1942.

Em 31/12/1941, assumiu a prefeitura o Dr. Nelson Lellis Ferreira, tendo encerrado o seu mandato em 19/10/1943, daí se supor que a obra e o pagamento da parcela que coube à Prefeitura, tenha ocorrido em seu mandato e/ ou no do Prefeito seguinte.

OUTRAS REALIZAÇÕES, ALÉM DAS JÁ MENCIONADAS.

CRIAÇÃO EM 1932, DA GUARDA MUNICIPAL.

Em seu relatório, relativo a sua gestão no ano de 1932, Dr. Edelberto fez constar:

“Verificado o movimento reacionário de São Paulo, essa Prefeitura contratou por ato de 11 de julho de 1932 e por ordem telegráfica do Secretário do Interior, a GUARDA MUNICIPAL composta por seis cidadãos escolhidos pela sua exemplar

conduta, os quais, durante o período revolucionário, prestaram relevantes serviços como mantenedores da ordem e tranquilidade pública.

São eles os cidadãos Braz Palmieri, José Ricardo de Miranda, José Cunha, João Henrique de Castro, Geraldo de Castro e Eliezer Alves de Castro.”

ESCOLAS MUNICIPAIS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1934.

No relatório já mencionado, assim pronunciou-se Dr. Edelberto:

“Durante o primeiro semestre do corrente ano funcionam regularmente 12 escolas municipais e de 10 de abril para cá passaram a ser custeadas diretamente pela Prefeitura as escolas rurais estaduais de Teixeira de Vargem Linda, S. Bartholomeu e Barro Preto, em virtude do Decreto Estadual nº 11.297, de 10 de abril findo.

Pelo Decreto Municipal nº 91, de 13 de abril, foi a escola municipal de Olaria, do distrito de Marliéria, transferida para o lugar denominado Bom Sucesso, no distrito dessa cidade, sendo nomeada por ato de 13 do mesmo mês, em comissão, para reger aquela escola, a D. Iracema Vieira Pimenta, que assumiu o exercício em 24 de abril desse ano.

Já no relatório de 14.02.1935, relativo ao segundo semestre de 1934, consta que “durante o 2º semestre funcionaram no município 15 escolas municipais com 894 alunos e mais oito escolas estaduais mantidas pela Prefeitura.”

ESCOLAS MUNICIPAIS NO ANO DE 1935.

Interessante levantamento fez o jornal “A Voz do Prata”, em sua edição de 27 de janeiro de 1935, sobre o tema acima.

“INSTRUÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL.

Antes da revolução de 30, a esforços do então Presidente da Câmara e atual Prefeito Municipal estava este município fartamente provido de escolas primárias entre as quais havia quase 40 escolas rurais.

Vencedora a Revolução, o Governo, a pretexto de economia, golpeou rudemente o nosso município, suprimindo nada menos de 33 escolas rurais, deixando apenas 3 e assim mesmo custeadas pela Prefeitura.

Concomitantemente, com as escolas foi para o abismo o Posto de Higiene aqui criado ainda por influência do Dr. Edelberto, atual Prefeito.

Para remediar as necessidades das populações rurais, teve a Prefeitura de criar 13 escolas municipais e a muito custo conseguiu restaurar mais 4 escolas rurais completando o número de 6 criadas pelo Estado e custeadas também pela Prefeitura, que, apesar da depressão de suas rendas, despende atualmente mais de 21:000\$000 com a instrução primária.

PARQUE FLORESTAL DO RIO DOCE – HOMENAGEM DO DR. EDELBERTO AO BISPO DOM HELVÉCIO DE OLIVEIRA, DANDO O SEU NOME À MAIOR LAGOA DO PARQUE FLORESTAL.

O bispo Dom Helvécio foi o principal responsável e incentivador para criação do Parque Florestal do Rio Doce, então pertencente ao território de São Domingos do Prata.

Em sua homenagem, o Dr. Edelberto expediu o Decreto municipal nº 117, de 18 de julho de 1935, dando o nome a então chamada “Lagoa Nova”, de Dom Helvécio de Oliveira.

A partir daí, até os dias de hoje, ela é popularmente conhecida como lagoa do Bispo.

Sobre ela, disse o jornal “A Voz do Prata”, em sua edição do dia 07 de julho de 1935:

“.....é de um encanto maravilhoso, às margens da Lagoa Nova que constitui um verdadeiro lago cercado poeticamente de frondosas florestas virgens, onde o espírito humano se extasia na contemplação mística das belezas naturais, diante do soberbo espetáculo que nos oferece a natureza em todo o seu esplendor tropical.”

Esta lagoa, com diversos quilômetros de extensão e imensa largura, fica cravada no coração de frondosas florestas virgens e é aberta à visitação pública, podendo o interessado, desde que acompanhado por um “barqueiro” em um barco a motor, atravessá-la em toda a sua extensão e beleza.

O Parque Florestal do Rio Doce foi oficialmente inaugurado em 14.07.1944, quando Prefeito Municipal o farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima (Neneco). Quem assinou o decreto-lei nº 119, criando oficialmente o Parque, foi o Governador Benedito Valadares.

CHUVA QUE ARRASOU A CIDADE. PRONTA INTERVENÇÃO DO DR. EDELBERTO.

O jornal “A Voz do Prata” de dezembro de 1934, publicava:

“No dia 21 do mês de novembro p. findo, após um dia de sol radiante e de calor caustico, foi às 4 ½ horas da tarde, a

população da sede deste município surpreendida por um fenômeno meteorológico de consequências quase gravíssimas.

É que, àquela hora do dia designado, foram, em substituição a beleza do céu e ao brilho do sol, aparecidas nuvens negras e ameaçadoras, que, inospitadamente, despejaram sobre esta cidade violenta chuva de granizo, única, talvez, de proporções tão assustadoras.

Basta dizermos que aqueles caíam em profusão, oscilando o seu peso entre 500 e mil gramas, não ficando em nosso perímetro urbano uma casa que fosse, sem ter o seu telhado completamente danificado.

Como era natural, ficou a população tomada de medo, pânico, resultando fossem imediatamente, em vista de seu desabrigo, solicitadas do governo municipal providências no sentido de ampará-la.

Este, dignamente representado pelo dr. Edelberto de Lellis Ferreira, cuidou imediatamente de amparar a população desabrigada, olhando de preferência a destituída de recursos, para o que tratou, incontinenti, de solicitar um auxílio do Governo Estadual, o qual, por sua vez, demonstrou ser digno da confiança que no mesmo deposita o povo mineiro, pois que, levando em consideração o pedido de um auxílio para combater a calamidade que nos feriu, enviou, em menos de 24 horas, o engenheiro técnico da Secretaria da Agricultura dr. Álvaro Mendonça, que, apreciando os estragos produzidos determinou para combate aos mesmos a verba necessária.

Não tivemos que lamentar nenhum desastre pessoal. Houve apenas, além de muitos estragos materiais representados por mercadorias inutilizadas, alguns animais mortos pela violência e peso das pedras que caíram.”

TEMPESTADE DE GRANIZO NAS PALAVRAS DO DR. EDELBERTO.

Ainda em seu Relatório relativo ao segundo semestre de 1934, o Dr. Edelberto inseriu, em ortografia de hoje:

“Em novembro do ano próximo findo desabou sobre essa cidade violenta tempestade acompanhada de granizos de dimensões e pesos nunca vistos, destruindo quase por completo todos os tetos, tanto dos edifícios públicos, como dos particulares.

Autorizado por telegrama do então Secretário do Interior, que aqui enviou imediatamente um engenheiro do Estado, providenciei sem demora sobre os socorros de que carecia a população flagelada, fazendo vir de fora pedreiros e os materiais necessários à reconstrução dos tetos destruídos.”

FUNDAÇÃO DO SÃO DOMINGOS DO PRATA F.C.

Em dois de junho de 1929, na cidade de São Domingos do Prata, às 13 horas, na casa da sociedade Anônima ‘Coelho Neto’ foi realizada uma reunião para a reorganização da sociedade esportiva “Prateano F.C.”, que a final, deliberou-se não tratar de reorganização, mas da fundação de novo clube com a denominação de “São Domingos do Prata F. Club.”

O médico, dr. Humberto Cabral foi eleito Presidente e dr. Edelberto um dos diretores de honra.

REGULAMENTANDO O TRÂNSITO DE VEÍCULOS.

O aumento do fluxo de veículos obrigou ao Dr. Edelberto Lellis Ferreira a expedir um Decreto regulamentando a sua utilização. Em suprema síntese o Decreto nº 178, dispõe:

- Que só podem transitar pelas ruas e praças da cidade, arraiais e em qualquer estrada municipal ou estadual, os automóveis e caminhões devidamente registrados e licenciados na secretaria do governo municipal.

Os referidos veículos só podem ser guiados por motoristas munidos de cadernetas, fornecidas pelas autoridades da Capital Federal, das Capitais dos Estados, dos municípios deste Estado e por essa municipalidade, sendo as cadernetas visadas pela delegacia de polícia local.

- Para obter a caderneta deve o motorista, entre outras exigências, provar saber ler e escrever. Ser maior de 18 anos. Atestado de bom procedimento fornecido pela delegacia de polícia. Atestado médico provando ter capacidade psíquica para a profissão, não sofrer moléstia contagiosa e ter perfeitos os órgãos auditivos e visuais.

- Nenhuma licença será concedida sem a vistoria do veículo mandada proceder pela administração municipal e a vistoria poderá ser feita, independente da vontade do interessado, sempre que a autoridade competente a julgar necessária.

- Nesta vistoria deve-se constatar tenha o veículo em perfeita condição o freio de pé e de mão, a buzina automática e de mão, as necessárias lanternas.

- Aos motoristas profissionais é obrigatório o uso de boné. As pessoas que dirigem carro de passageiro não podem fumar no carro em serviço.

- A velocidade máxima nas ruas centrais da cidade será de 15 quilômetros por hora. Fora do perímetro da cidade e nas estradas públicas será de 40 quilômetros por hora.

- Os faróis de forte intensidade não poderão ser usados nas ruas bem iluminadas.

- A aprendizagem só é permitida mediante licença da Administração municipal e sob a responsabilidade de um instrutor habilitado, fora do perímetro da cidade.

OBS.: Posteriormente, na edição de 10 de março de 1929, foi expedido outro Decreto, o de nº 190, em que a regulamentação foi bem mais detalhista e rigorosa, abrangendo

não só os veículos automotores, mas também as bicicletas, motocicletas, ônibus, as carroças, os carretões, caminhões de tração animal, trânsito noturno, etc.

JARDINS EM 1923.

Já naquela época havia uma preocupação com os jardins do município, ao ponto do Chefe do Executivo Municipal, Dr. Edelberto Lellis Ferreira regulamentar a matéria, através do Decreto nº 42 que dispunha em síntese:

Art. 1º - Entende-se por jardim público qualquer lugar, cercado ou não, em que se cultivam árvores, arbustos e flores, etc., como ornamentação da cidade.

Art. 2º - É obrigação do jardineiro: a) Abrir e fechar os jardins nas horas designadas; b) cuidar do plantio, replantio e conservação das árvores e flores; c) – Regar todo o jardim no tempo seco; d) – Podar as árvores no tempo próprio, cuidar do gramado e trazer as áreas sempre limpas; e) – Advertir com urbanidade e polidez as pessoas que infringirem as disposições do art. 2º, deste regulamento, levando o fato ao conhecimento dos pais ou tutores, quando os infratores forem menores”.

DR. EDELBERTO, CANDIDATO A DEPUTADO ESTADUAL.

“A Voz do Prata” de 05 de março de 1923, noticiava, em síntese:

A Câmara Municipal desta cidade interpretando o sentir da maioria dos seus munícipes, na sua primeira reunião deste ano, aprovou uma moção dirigida a conspícuo membro da Comissão Executiva do P.R.M., indicando-lhe o nome do Dr. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA para ocupar uma cadeira na Câmara de Deputados do Estado. (.....).

A modéstia do candidato, o seu invencível horror às posições de destaque, a sua contrariedade em ver publicadas as elevadas qualidades que o distinguem seriam indubitavelmente os únicos empecilhos com que contava a sua candidatura.

Mas, o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira não se apresenta. Ele é apresentado, malgrado seu, por elementos de prestígio que não ouvem sua opinião, seguros como estão que a sua recusa seria imediata.

Mas é bem certo que o homem político não se pertence; aqueles que se agremiam ao seu redor dispõem do direito de exigir dele sacrifícios aos quais é obrigado a se submeter pelas injunções partidárias.

É este, bem caracterizado, o caso do candidato do P.R.M. de São Domingos do Prata.

A seleção das inteligências iniciadas com aplaudido resultado por Arthur Bernardes, seguida com maior entusiasmo pelo atual Chefe do Estado exige que as competências continuem na sua ascensão, ainda que sejam violentamente arrancadas nos mais recônditos refolhos de remansoso lar e daí erguidas até o ambiente em que devem pontificar para grandeza dos nossos destinos.

Pois esse regime de seleção não pode deixar de fora, na penumbra que tanto lhe apraz, o Dr. Edelberto de Lellis, cuja candidatura se impõe por si pelas excelsas qualidades do candidato sob qualquer prisma que se encare.

Ninguém melhor do que ele está na altura de desempenhar com proveitoso resultado o mandato, pelo seu caráter, pela sua cultura e por sua acuidade política.

(.....) a candidatura do Dr. Edelberto de Lellis se impõe por si é prova inefável o apoio que se lhe tem sido hipotecado espontaneamente por diversos municípios componentes deste distrito eleitoral.

E na mesma imprensa já repercutiu o desejo desses municípios porque temos lido em jornais diversos os aplausos à essa candidatura.

(.....) A entrada do Dr. Edelberto de Lellis para a Câmara Estadual não honra só a ele; honra a própria Câmara onde ocupará um dos locais destinados aos seus expoentes.

No regime democrático em que vivemos a vontade popular deve imperar com direitos irrevogáveis. Tendo a candidatura do Dr. Edelberto nascido da vontade popular, soberana do povo, não podemos esperar senão que a Comissão Executiva do P.R.M. sancione esse veredito dando mais uma vez a prova de que sabe respeitar a opinião pública. (.....)".

NA ELEIÇÃO DE 1923, TAMBÉM PELO DISTRITO ELEITORAL, O DR. EDELBERTO FOI ELEITO DEPUTADO ESTADUAL.

JOSÉ RICARDO REBELO HORTA – OUTRO PRATIANO, TAMBÉM FOI ELEITO DEPUTADO, MAS POR OUTRO DISTRITO, ENQUANTO ENTRE 1916/1921, FOI O DR. GOMES LIMA QUEM FOI ELEITO DEPUTADO FEDERAL, EM DUAS LEGISLATURAS.

A eleição se realizou em 15 de abril de 1923, tendo o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira sido eleito pela 2ª Circunscrição Eleitoral, composta pelos municípios abaixo:

Dr. Edelberto obteve 15.237 votos, assim distribuídos:

Ouro Preto	1.106.
Mariana	663.
Ponte Nova	1.536.
Rio Casca	800.
Abre Campo	826.
Caratinga	3.364.
Manhuaçu	1.292.

Rio São Pedro (atual município de Ipanema) 1.390.

Piranga 979.

Alvinópolis 516.

São Domingos do Prata 2.133.

Aimorés 253.

São Manoel do Mutum (atual Mutum) 379.

Nessa mesma eleição, foi eleito pela 3ª Circunscrição Eleitoral, que englobava os municípios (grafia original) de Leopoldina, Carangola, Viçosa, S. Manoel, Palma, São José d'Além Parahyba e São Paulo do Muriahé, o pratiano de nascença, Dr. JOSÉ RICARDO REBELLO HORTA.

É de se ressaltar ainda que na primeira metade do século XX, outro pratiano, ANTÔNIO GOMES LIMA, conhecido como Dr. Gomes Lima, foi, entre outras coisas, Senador Estadual e Deputado Federal por duas legislaturas.

RECORDANDO DE SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE EM FERROS, SUA CIDADE NATAL SANT'ANNA DOS FERROS.

De um pronunciamento, como Deputado Estadual, que fez na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em defesa do atual município de SANTANA DO PARAÍSO, extraio o seguinte trecho:

“... filho daquele município onde recebi, na minha juventude, as primeiras lições de civismo; onde aprendi, na infância, a amar os prados verdejantes e o céu azul do meu país, não posso deixar morrer dentro do peito esta grande mágoa de ver arrancar-se de novo o distrito de Sant'Anna do Paraíso que, agora, desperta do seu sonho multi-secular, vendo quebrar o silencio de suas florestas virgens o silvo da locomotiva...”

PRESIDENTE DE HONRA DO P.S.D. (PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA).

Em agosto de 1945, foi criado em São Domingos do Prata o P.S.D., partido que durante anos, até ser extinto em 1964, dominou, alternando de vez em quando o poder com a U.D.N, as eleições em todo o Brasil.

Quem o criou em São Domingos do Prata foi o então Prefeito Manoel Martins Gomes Lima, que se tornou o seu primeiro presidente. Porém o Partido, em homenagem ao velho líder político que se afastara, desde 1937, de qualquer cargo executivo e legislativo, mas mantendo a sua inegável liderança política, o nomeou como Presidente de honra.

TROCOU O NOME DO GRUPO ESCOLAR SÃO DOMINGOS DO PRATA PARA CÔNEGO JOÃO PIO.

O educandário foi criado, construído e inaugurado na gestão do Capitão Dico, com o nome de Grupo Escolar São Domingos do Prata, mas, em 1932, no governo do Dr. Edelberto, recebeu o nome de Grupo Escolar Cônego João Pio.

SEU ENCANTAMENTO COM AS FLORESTAS VIRGENS DO VALE DO RIO DOCE.

De um pronunciamento feito na Assembleia Legislativa, em 1925, extraio o seguinte trecho:

“...Mas deixemos de parte o vale do grande rio (referia-se ao Rio Doce), aliás, já cortado em grande extensão do seu percurso pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, através de florestas colossais e mais frondosas, abundantes e exuberantes talvez, do que as clássicas florestas amazônicas tão decantadas pelos naturalistas e pelo nossos economistas, para só falar de um região fertilíssima, verdadeira terra de promessa...”

ABAIXO ASSINADO DO POVO PRATIANO.

Em 1905, dr. Edelberto recebeu uma proposta financeiramente irrecusável, para clinicar no município de Alvinópolis.

Ficando sabendo, o povo de São Domingos do Prata fez um abaixo assinado clamando pela sua permanência, do qual retiro este trecho:

“...Aos nobres e imperiosos impulsos de gratidão e da amizade, estes mais belos ornatos do coração humano, que em misteriosa simbiose alimentam a melancólica flor da saudade, vêm os signatários desta patente levar a vós os sentimentos que são da unanimidade da população desta cidade, que se transformaram em fundada esperança, chegando-se a (.....ilegível.....) amigos e admiradores vossos os meios de (...ilegível.....) vosso retorno ao seio da sociedade pratiana, manifestando-se todos em ternura da calorosa simpatia, que bem revelam o alto conceito a que fizestes jus, durante o curto quinquênio de vossa residência nesta cidade...”.

ESCOLA NO POVOADO DE TIMÓTEO, QUANDO O ATUAL MUNICÍPIO PERTENCIA A SÃO DOMINGOS DO PRATA.

“Em 1922, sendo instalado distrito de São José do Gama, do Município de São Domingos do Prata, uma das providências tomadas pelo agente executivo do município, Dr. Edelberto de Lelles Ferreira, foi a criação de uma escola primária municipal no povoado de Timóteo, sob a direção de D. Maria Quintão de Miranda, que exerceu o cargo por pouco tempo, sendo substituída por D. Maria Chaves que alfabetizou várias gerações de timotenses.

Em 1º de novembro de 1938, Timóteo desmembrou-se do município de São Domingos do Prata, anexando-se ao de Antônio Dias, já como distrito autônomo, cuja instalação realizou-se a 1º de janeiro de 1939...”

**FELICITAÇÕES PELO ANIVERSÁRIO EM 05.02.1927,
QUANDO COMPLETOU 59 ANOS.**

A “Voz do Prata” de 13 de fevereiro de 1927 noticiava:

“A propósito de sua data natalícia, transcorrida em 5 do corrente, teve o nosso querido chefe, Deputado Edelberto de Lellis ensejo de receber as mais expressivas demonstrações de estima da parte de todos os seus amigos, traduzidas em inúmeras visitas pessoais, cartas, cartões e telegramas...”

Dentre outros, o referido jornal cita os nomes das seguintes pessoas que enviaram telegramas: Antonio Carlos, Arthur Bernardes, Francisco Campos, Bias Fortes, Pinheiro Chagas e Cristiano Machado.

**ALGUNS PRONUNCIAMENTOS DO DEPUTADO, DR.
EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, FEITOS NA ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA.**

**SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE E TIMÓTEO, ENTÃO
TERRITÓRIOS ‘PRATIANOS.**

“(.....) Defesa do Agente Executivo de São Domingos do Prata e também deputado Estadual, Dr. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, fez perante a Assembléia Legislativa para que o distrito a ser criado fosse em SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE:

“Sr. Presidente, pedi a palavra para passar às mãos de V. Excia, uma representação de pessoas residentes na zona a que se dá o nome de TIMOTHEO, pertencente ao distrito de Dores da Babylonia, do município de São Domingos do Prata pedindo

a elevação desse povoado à categoria de **DISTRITO DE PAZ**, com a denominação de **SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE** e sede no lugar do mesmo nome.

A representação em que os habitantes do distrito pedem a sua elevação à categoria de villa, vem instruída com diversos documentos, que bem demonstram a importância do lugar e eu, como conhecedor do mesmo, posso adiantar à Casa que ele dispõe, atualmente, de uma população superior à exigida por lei para a sua elevação a distrito, possui patrimônio civil, cemitério completamente fechado e escola estadual funcionando em prédio próprio, com água potável e respectiva instalação sanitária.

Além disso, aquela região está situada em terreno de uma fertilidade espantosa, tanto assim que, datando apenas de 5 anos, tem progredido extraordinariamente.

Pelo lado de sua riqueza, o maior fator, entretanto, que vai concorrer poderosamente para o progresso econômico e rápido daquele lugarejo está no fato de ter a Estrada de Ferro Victoria a Minas levando até as proximidades daquele povoado às pontes dos seus trilhos, na estação Raul Soares, cuja inauguração, segundo consta, vai ser feita em 1º de agosto próximo. (O pronunciamento do Dr. Edelberto data de julho de 1923).

Há outra razão, Sr. Presidente, e de ordem moral, que levou os habitantes daquele lugarejo a pedirem a sua emancipação política e administrativa, é a de não se conformarem com o seu desmembramento do distrito de **BABYLONIA** para fazerem parte do distrito de **SÃO JOSÉ DO GRAMMA**, cuja criação se pede no projeto apresentado a esta Casa.

São estas, Sr. Presidente, as ligeiras considerações que tenho a fazer para justificar os desejos dos habitantes de

TIMOTHEO, manifestadas na representação que passo às mãos de v. Excia. para que a mesma tenha o destino regimental.”

Portanto, além do pedido para se criar o distrito de SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE, o povo do povoado de TIMÓTEO não desejava que o mesmo fosse incorporado ao novo distrito de SÃO JOSÉ DO GRAMMA.

Contudo, a meu juízo, existe uma pequena contradição no pedido. Se criado fosse o distrito de SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE, automaticamente ele seria desmembrado do distrito de BABYLONIA, eis que esse era distrito de SÃO DOMINGOS DO PRATA. Assim, o novo distrito seria mais um dos distritos de São Domingos do Prata, como já relacionado acima...”

NOTA: O texto acima faz parte da História da criação do município de Timóteo, então pertencente ao território de São Domingos do Prata, cuja integra pode ser encontrada no meu livro “São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história”, tanto na 1ª, quanto na 2ª edição e também no livro “Homens e Aços Especiais no Desenvolvimento do Vale do Rio Doce”, pesquisa e organização de Fábio Americano e Roberto Manella, páginas 996/1001.

REPRESENTAÇÕES DO DEPUTADO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA EM BENEFÍCIO DE ALVINÓPOLIS, ‘ALTO SEM PEIXE’ E ITABIRA DO MATTO DENTRO, apresentadas na Sessão de 9 de setembro de 1924.

“O Sr. Edelberto Lellis lê e manda à Mesa duas representações: Uma do povo do município de Alvinópolis solicitando a restauração da comarca do mesmo nome, e outra

dos habitantes do ‘Alto Sem Peixe’ pedindo, igualmente, a elevação daquele povoado à categoria de distrito judiciário, bem como um requerimento do sr. Diretor do grupo escolar ‘Desembargador Drummond’, de Itabira de Matto Dentro, pedindo equiparação dos vencimentos dos diretores de grupos e professores de cidades e vilas.”

**PLEITO DO DR. EDELBERTO LELLIS FERREIRA NA
SESSÃO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS, DE
06/08/1923, EM DEFESA DO MUNICÍPIO DE FERROS E DO
ENTÃO DISTRITO DE SANT’ANNA DO PARAÍSO.**

“Sr. Presidente, por ocasião da 2ª discussão do projeto n. 119, de 1922, quis fazer uma declaração de voto. Resolvi, entretanto, deixá-la para a presente ocasião. Venho, pois, cumprir esse dever de consciência declarando à Câmara dos senhores Deputados que voto hoje, como votei ontem, pelo projeto, mas com restrição relativamente ao artigo 5º, da seção segunda, na parte em que transfere o distrito de S. ANNA DO PARAISO, do município de Ferros para o de Antônio Dias.

Quando, pela primeira vez, Sr. Presidente, se fez a reforma administrativa do Estado, o distrito de TAQUARASSU foi desmembrado do município de S. ANNA DE FERROS e incorporado ao de ITABIRA DO MATTO DENTRO, apesar das justas reclamações e veementes protestos dos habitantes de Ferros, reclamações e protestos, sr. Presidente, que nesta e na outra casa do Parlamento Mineiro morreram asfixiados nas pastas das respectivas comissões.

Mais tarde, quando da última reforma administrativa, há 11 anos, o distrito de TAQUARASSU regressou ao seio de seu município de origem e dessa vez crismado com o nome sugestivo de SANT’ANNA DO PARAISO, reparando-se assim a grande injustiça que se praticara antes.

Agora, sr. Presidente, que se vai repetir essa injustiça, filho daquele município onde recebi, na minha juventude, as primeiras lições de civismo; onde aprendi, na infância, a amar os prados verdejantes e o céu azul do meu país, não posso deixar morrer dentro do peito esta grande mágoa de ver arrancar-se de novo o distrito de Sant'Anna do Paraíso que, agora, desperta do seu sonho multi-secular, vendo quebrar o silêncio de suas florestas virgens o silvo da locomotiva.

E esta minha mágoa é tanto maior quanto sei que os habitantes daquele distrito, que ali nasceram e que ali morreram no labor quotidiano e honesto da lavoura e do comércio, para aqui mandaram uma reclamação justa, traduzida em um protesto respeitoso, mas veemente, contra a injustiça que os ameaça.

Muito de propósito, sr. Presidente, sublinho a expressão dos que ali nasceram, porque sei que para se pleitear a transferência daquele distrito para aqui, mandaram um abaixo-assinado ou coisa que melhor nome tenha, em que figuram pessoas que constituem atualmente a população forasteira (adventícia) daquele lugar, trabalhadores na construção da Vitória a Minas e que amanhã, acabados aqueles serviços, regressarão a seus lares, não mais se interessando pelo seu futuro, pelo seu progresso e pela sua grandeza.

É, pois, em desaforo de minha consciência, de filho do município lesado, que venho declarar à Câmara dos Srs. Deputados que, votando pelo projeto em questão, o faço, entretanto, com a restrição à parte em que transfere SANT'ANNA DO PARAISO para ANTÔNIO DIAS, pedindo a V. Excia. Sr. Presidente, que faça consignar na ata dos nossos trabalhos de hoje esta minha declaração de voto."

(Letras garrafais por minha conta).

"O SR. PREDIDENTE declara que será atendido o pedido do nobre deputado."

PLEITO DO DR. EDELBERTO LELLIS FERREIRA PARA O ORFANATO NOSSA SENHORA DAS DORES DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

IRMÃS DE CARIDADE FRANCESAS EMIGRANDO PARA O PRATA.

Na Sessão da Assembleia Legislativa de Minas Gerais realizada em 26 de agosto de 1924, o Deputado Estadual Dr. Edelberto de Lellis Ferreira apresentou esse interessante pleito, em ortografia atual:

“Sr. Presidente, pedi a palavra para passar às mãos de V. Excia. três emendas ao projeto em debate.

A primeira é relativa ao Orfanato das Irmãs de Nossa Senhora das Dores, da cidade em que resido, dirigido por irmãs francesas que há alguns anos se viram na dura contingência de expatriar, acossadas pela lei francesa, lei Clemenceau, se a memória não me falha, que aboliu as sociedades religiosas, sequestrando todos os seus bens.

Não preciso encarecer os grandes benefícios que esses orfanatos trazem às nossas patricias, desamparadas do carinho paterno, sujeitas à perdição, à vadiagem e ao meretrício, em uma quadra de vida em que tudo é encanto para as nossas filhas.

O meu objetivo é apenas para frisar a grande necessidade, a justiça mesmo, desse pequeno óbolo que peço para o orfanato que, sob a competente direção da velha irmã de caridade que, em França, foi diretora dos maiores estabelecimentos de ensino e hospitalares em Lyão de França (deve ser Lyon na França), vem atravessando esta tremenda crise, enfrentando vida quase milagrosamente, não tendo outra fonte de receita a não ser o amparo das almas generosas e o auxílio quase ridículo de 500\$000 votados pela Câmara Municipal.

As outras emendas se referem ao Hospital Nossa Senhora da Saúde, com sede no distrito do mesmo nome, no município de Alvinópolis e ao Asilo dos pobres de Santo Antônio do Gramma, município de Rio Casca.

São dois estabelecimentos de caridade para os quais na sessão passada, tive ocasião de solicitar pequeno auxílio que, a contra gosto meu, não foi aceito pela comissão de Orçamento.

Sou dos que pensam que a assistência aos órfãos e desamparados é função exclusiva do Estado, do mesmo modo que a repressão à vadiagem.

Se o Estado tem o dever de acolher em estabelecimentos apropriados, o órfão, mesmo em benefício da tranquilidade pública, em favor do nosso bom nome, com maiores razões deve vir ao encontro de iniciativas particulares, como as que me refiro.

Com essas ligeiras considerações, submeto à apreciação da Casa as minhas emendas que, espero, com todo carinho e consideração, serão recebidas pelos meus ilustres colegas.”

(FONTE: Anais da Assembleia Legislativa).

MALÁRIA E HOSPITAL REGIONAL EM SÃO DOMINGOS DO PRATA - 1925 –

A seguir vou publicar trechos do pronunciamento feito pelo médico e Deputado Estadual Dr. Edelberto Lellis Ferreira, sobre o tema em epígrafe, feito na Sessão da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, realizada no dia 07 de agosto de 1925.

“.....V. Excia. sabe perfeitamente bem, sr. Presidente, como o sabe toda a Casa, que as regiões mais

flageladas pelo paludismo (malária) são justamente aquelas em que o solo é mais rico em matéria orgânica, mais abundante nesse húmus fertilizante que a geologia denomina terreno vegetal, terreno de aluvião.

É nas margens dos grandes rios que esses terrenos de aluvião gozam de inesgotável capacidade de produção.

Em relação a essas grandes reservas de terras férteis, sr. Presidente, todos nós estamos cansados de ler e ouvir referências ao vale do rio Doce, com seus grandes afluentes, os rios José Pedro, Suassuhy, Santo Antônio, Matipó, Piracicaba e outros.

Entretanto, sr. Presidente, essas riquezas colossais que ali dormem há milênios seduzindo a ambição dos homens, contrastam-se com a proverbial inospitalidade daquela região e com a morte que sacrifica anualmente dezenas de vidas de nossos patrícios, que ali vão exercer a sua capacidade de trabalho.

Mas deixemos de parte o vale do grande rio, aliás, já cortado em grande extensão do seu percurso pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, através de florestas colossais e mais frondosas, abundantes e exuberantes talvez, do que as clássicas florestas amazônicas tão decantadas pelos naturalistas e pelos nossos economistas, para só falar de uma região fertilíssima, verdadeira terra de promessa (futuro), mas que o paludismo (malária) flagela.....

...Essa região riquíssima, a que me refiro, é constituída pelo vasto triângulo compreendido entre as margens dos rios Doce e Piracicaba, cada qual mais célebre pela insalubridade de suas pragas.

Entretanto, essa mesma região, habitada hoje por uma população laboriosa, com grandes estabelecimentos agrícolas, com uma produção crescente de café, cana e cereais, vê seu progresso entravado pela malária que ali ceifa, anualmente,

dezenas de vidas, de vidas tanto mais preciosas quanto são vidas de brasileiros que trabalham, de brasileiros que produzem, de brasileiros que se imolam em holocausto para aumentar a riqueza pública, concorrendo, assim, indiretamente, para a grandeza futura de seu país.

.....Sr. Presidente, há 23 anos, em 1902, ali grassou uma intensíssima epidemia de febres palustres, especialmente nos Distritos de Dionísio e Santa Isabel do Prata.

Comissionado então, pelo agente executivo municipal (*), ali, com a alma retemperada pelo espírito moço da profissão, fui àquelas paragens inóspitas levar socorro médicos e terapêuticos aos nossos infelizes patrícios que ali se debatiam entre as garras da morte e da miséria, sem o menor conforto, sem a menor assistência.....

.....Pelo que me relatam das epidemias anteriores tenho concluído que a recrudescência das febres palustres naquela região, dá-se cronologicamente, periodicamente, quase sempre de 6 em 6 ou 7 em 7 anos, havendo anualmente surtos menos intensos.

.....penso que a medida a aconselhar seria a fundação de um hospital regional que, ao menos por economia, funcionasse nas épocas das grandes epidemias.

Assim salvar-se-iam os doentes, seriam circunscritos os focos de infecção e as epidemias extirpadas com relativa facilidade, livrando-se os doentes pelo isolamento das picadas infectantes dos mosquitos.

Mas a construção e custeio de um hospital nestas condições está claro, não ficam ao alcance dos poucos recursos de uma municipalidade. Deve ser solicitada ao governo do Estado essa medida salvadora e de grande alcance econômico.....”

Encaminhamento feito pelo Presidente da Sessão:

“Indicamos que, por intermédio da Mesa, a Câmara dos srs. Deputados mineiros represente ao governo federal a necessidade imperiosa de se fundar um posto de profilaxia rural com um hospital regional na zona compreendida entre os grandes rios Doce e Piracicaba, no município de São Domingos do Prata”.

(*) – O agente executivo em São Domingos do Prata em 1902, era o padre Pedro Domingues Gomes.

NOTA: Ao depender de verba federal esse hospital regional a ser instalado em São Domingos do Prata, nunca tornou-se uma realidade.

Três anos após, mais precisamente no dia 07 de outubro de 1928, Dr. Edelberto e outros abnegados pratianos fundaram o Hospital Nossa Senhora das Dores, como fartamente noticiado em meus livros anteriores, principalmente no “São Domingos do Prata: Berço e Origem”, nas páginas 242 a 246.

Esse hospital passou a servir a toda a região e atender todo tipo de necessidade médica acessível à época, inclusive aos portadores de malária.

ATIVIDADES OUTRAS DO DR. EDELBERTO.

SOCIEDADE MÚTUA DE PECÚLIO.

Em 1914, havia em São Domingos do Prata uma sociedade mútua de pecúlios, sob a denominação de União Prateana,

tendo como diretores: Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Capitão Egídio Lima, Farmacêutico Joaquim Augusto Gomes Lima, Francisco Chagas, Etelvino Lima e Joaquim Martins Quintão.

SOCIEDADE DE TIRO.

No final do ano de 1917, foi fundada em São Domingos do Prata uma sociedade de tiro, cuja diretoria ficou assim constituída:

Presidente, coronel Virgílio Lima, vice-presidente, dr. Edelberto de Lellis Ferreira, secretário, tenente Manoel Nepomuceno, diretor do tiro, capitão Egídio Lima, tesoureiro, farmacêutico João de Vasconcellos, vogais, capitão Francisco de Paula Carneiro, dr. Alonso Starling, dr. Antônio Fernandes Pinto Coelho, José João Damasceno e major Raymundo Coura, presidente honorário, tenente-coronel Manoel Coelho de Lima.

OUTRAS PALAVRAS EM HOMENAGEM AO DR. EDELBERTO.

Por volta de 1960, ao homenageá-lo como um dos três principais fundadores do Hospital Nossa Senhora das Dores, disse o Dr. José Mateus de Vasconcelos:

“...este grande médico, decano talvez, hoje, da sua classe em toda a Minas Gerais, que deu de sua bem longa existência, sessenta anos de atividade clínica a São Domingos do Prata, cujo nome pronuncio com o respeito de um colega e aluno, que lhe bebeu ensinamentos nos verdes anos de sua mocidade, o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira que temos a ventura de homenagear

hoje, já que está unido ao povo pratiano, com a sua venerável presença...”

HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES.

Embora esteja mais vinculado às suas atividades como médico do que como Prefeito e Presidente da Câmara, não se pode esquecer que ele foi um dos fundadores e principal articulador da construção do referido hospital, que tanto benefícios trouxe para a população da região, principalmente a mais pobre.

Também em 1944, quando foi dado o seu nome à Sala de Cirurgia do Hospital Nossa Senhora das Dores, se extrai as seguintes palavras pronunciadas pelo então Prefeito, Manoel Martins Gomes Lima:

“...dando à sala de cirurgia o nome do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira como coroação às obras, uma justa homenagem ao grande médico e operador que, há mais de 40 anos vem dando tudo que tem ao nosso município e que desde o primeiro dia do Hospital, até hoje, vem nele atuando, enchendo sua vida de páginas e mais páginas no livro de favor do nosso bom nome...”

PLACA NO HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES.

Há, até os dias de hoje, uma placa no hospital, contendo os seguintes dizeres:

“Dr. Edelberto Lellis Ferreira, sua medicina sacerdócio marcou o coração do povo pratiano que, dócil e amoroso estará reverenciando-o pelo resto da vida.” (No original, os dizeres estão transcritos em letras garrafais).

Já idoso e alquebrado pelos anos de lutas e sacrifícios, sobre ele disse o ministro Paulino Cícero de Vasconcelos:

Dizem que o “poder” desgasta a imagem da pessoa, mas no caso dele o exercício da liderança política por tantos anos, de forma tão altruísta e imparcial, apenas a revigorou perante seus descendentes e liderados.”

EXEMPLO PARA SEUS DESCENDENTES E GERAÇÕES FUTURAS.

Diálogo travado entre o pratiano e ministro Paulino Cícero de Vasconcelos com o Dr. Edelberto, nas palavras de Paulino:

“O Dr. Albeny avisou-me que o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, veterano Agente Executivo do Prata, na glória de seus 98 anos de idade (era o ano de 1966), queria seguir viagem até nossa terra. Fui buscá-lo na fazenda da filha Neném que se localizava do outro lado do Rio Piracicaba.

Depois de um almoço saboroso, bem mineiro, uma nova surpresa. Na mesa a tigela de leite quente, pelando, e as várias vasilhas de biscoito, rosquinha e outras queijadas, de que o veterano médico fazia um gostoso mexido, que ia com a colher comendo devagar e saborosamente.

Fizemos o caminho da antiga MG-4, hoje BR-381. Viajei devagar. A estrada, ainda em obras, exigia e meu passageiro cobrava cuidados especiais.

Perguntei-lhe em certa altura como fora o viajar em seus tempos de universitário. (...) - (a parte em que relata fazer o percurso a cavalo está transcrita na em que falo do médico).

Narrou-me o Dr. Edelberto que, em sua última viagem à Bahia, pernoitou, como de costume, pela Pela-Macaco e,

enquanto jantava o dono da pensão que a ele se afeiçoara pediu-lhe um obséquio

É que dias antes teve pouso em sua pensão um velho e conhecido cometa, que se banhou, jantou, dormiu e no ajuste de contas na manhã seguinte confessou a seu anfitrião, que, infelizmente, havia ficado desprevenido, sem dinheiro, não tendo como saldar a conta.

Eles já se conheciam há tempos e foi, por isso, com naturalidade que o hoteleiro aceitou do viajante uma forma de abater a conta, valendo o débito.

“Edelberto” - disse - “recebi este bilhete como pagamento de uma conta de pensão e não tenho por aqui como conferi-lo. Será que você me faria o favor de conferi-lo, quando chegar à Bahia?

Tudo conversado, lá vai nosso universitário ferrense a cavalo, de trem e de vapor até a velha Salvador. E tem uma surpresa enorme. Quando faz a conferência do bilhete constata, simplesmente, que ele fora contemplado com o primeiro prêmio do sorteio.

Como se comunicar com o dono do bilhete? Correio ainda era em Pela-Macaco um sonho distante e inatingível. Não havia também como utilizar a boa vontade dos tropeiros. Eram inatingíveis.

Toma, assim, a iniciativa de receber o bilhete, depositando o valor na Caixa Econômica, com rendimento em juros, esperando levar a pecúnia a seu legítimo destinatário na época adequada.

Dez meses mais tarde, jantando em Pela-Macaco, Edelberto indaga do seu hospedeiro se lhe ocorria ter-lhe confiado certa tarefa em Salvador.

- “Não estou me lembrando. Que será que eu lhe pedi? Também é tanta gente que passa por aqui...vão a Salvador, uns voltam, outros não. Não consigo me lembrar, dizia o seu hospedeiro passando às mãos na cabeleira basta e grisalha.

Disse-me o Dr. Edelberto, lá na inconclusa MG-4 cheia de buracos, que iniciou lentamente um processo de anamnese, citando o velho cometa sem dinheiro, passando pelo bilhete de loteria.

Quando o Dr. Edelberto lhe passou às mãos o pacote de notas bem embrulhadinhas, inclusive com a discriminação dos juros apurados no período, recebeu do felizardo um abraço, que no seu dizer valeu todas as recompensas do mundo.

Foi a última vez que o jovem Edelberto pernoitou na pensão de Pela-Macaco. Nunca mais passou por lá, nem antes nem depois de sua graduação.

Desta forma, numa curta viagem (..), aprendi (...) a lição do superior comportamento ditado pelo senso da dignidade.

“Quantos políticos podem, após tantos anos conduzindo os destinos de um município, chegar ao fim da vida cercado de tanto carinho e tornar-se exemplo para as gerações futuras de esforço, dedicação, humildade, generosidade, altruísmo e honestidade, entre outras virtudes?

DEPOIMENTO DE ANTÔNIO CARLOS VASCONCELOS SOBRE DR. EDELBERTO.

Finalmente, transcrevo o que escreveu sobre Dr. Edelberto Antônio C. D. Vasconcelos, em seu livro, editado em 2011, intitulado “Olha...uma Esperança!”, à pag.106:

“Simplesmente o médico Dr. Edelberto, no linguajar simples do povo, a quem dispensou a caridade de sua inesgotável assistência. Nascido na cidade de Ferros elegeu SDP como sua terra natal, onde criou, com dona Mariquinha (Maria Leocádia), seus filhos: Camilo, Pedro, Maria Nazareth, Joana Coeli, Meyre, Edelberto, Nelson, Delphina e Ludgarda (Gadinha).

A nobreza de seu caráter e os princípios da honestidade pautavam-lhe a vida, despojada de interesse pelo vil metal, levando uma vida simples.

Alcançou os 101 anos de idade e podemos dizer que ele viveu pobre e morreu pobre. Literato, escritor e latinista, em um de seus versos ele finaliza: “...os padres inventaram este tal de inferno; inferno sim, é não poder te amar!”

O POETA.

O seu irmão Carlindo Lellis foi um dos maiores poetas que Minas Gerais já possuiu. Embora Dr. Edelberto tenha seguido outros rumos, a poesia também pulsava em suas veias.

Poema que escreveu em uma noite solitária em Ouro Preto, quando ali estudava:

INFERNO E CÉU.

“Os padres inventaram um tal inferno

Onde há dores e ranger dos dentes

Onde os maus, os inúteis, os delinquentes

Terão como castigo o fogo eterno.

Criaram o Céu, uma mansão de luz,

Para os bons e para as almas puras

Que nesta vida só tiveram agruras

Sofrendo as agonias de Jesus.

O Céu é o teu olhar aveludado,

O teu seio, o teu lábio nacarado,

Um sorriso, leitora, como o teu.

**Conjunto sedutor que nos encanta,
Fazendo-lhe angelical e santa,
Inferno...é não poder subir ao céu.”**

PAIS DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA.

MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA E DELPHINA SOARES FERREIRA COELHO e/ou Delphina Maria Ferreira Coelho (Nascidos em Ferros, ex- Sant’Anna dos Ferros).

ESPOSA: MARIA LEOCÁDIA SANTIAGO, filha de Jesuíno Gonçalves Santiago e Maria Leonor Santiago. Todos pratianos.

SEUS FILHOS (todos pratianos):

1 - JANUA COELI LELLIS FERREIRA. Casou com MANOEL MARTINS GOMES LIMA, em 25 de maio de 1938, na antiga matriz de São Domingos do Prata.

2 - LUDGARDA LELLIS FERREIRA (GADINHA). Foi casada com Geraldo Vasconcelos Santiago.

3 - DELFINA LELLIS FERREIRA. Foi casada com José de Assis Santiago.

4 – PEDRO EMANUEL DE LELLIS FERREIRA que foi casado com Ilza Gaynett Lellis Ferreira.

5 - NELSON LELLIS FERREIRA que se casou com Genoveva Puppi de Lellis Ferreira (EFA).

6 - EDELBERTO LELLIS FERREIRA FILHO que se casou com Maria de Lourdes Chagas Leite. Em segundas núpcias, casou-se com Yara Borel Henriques Adão.

7 - MARY DE LELLIS FERREIRA contraiu matrimônio com Ângelo da Matta Andrade.

8 - MARIA NAZARÉ FERREIRA MAIA que se casou com José Ferreira Maia.

SEUS IRMÃOS:

O seu pai, major **CAMILO DE LELLES FERRERA**, teve os seguintes filhos, frutos de dois casamentos:

- 1 - Edelberto de Lellis Ferreira.**
- 2 - Francisco Procópio de Souza Ferreira.**
- 3 - Camillo de Lellis Ferreira.**
- 4 - Olympio Américo de Lellis Ferreira.**
- 5 - Carlindo Americano Soares Ferreira.**
- 6 - Adelina de Lellis Ferreira.**
- 7 - Virginia Amélia de Lellis Ferreira.**
- 8 - Ana Josefina Ferreira de Oliveira.**
- 9 - Alceu Americano Soares Ferreira.**
- 10 - Emília Adelaide Ferreira.**
- 11 - Vitalina de Lellis Ferreira.**
- 12 - João Americano de Lellis Ferreira ou, simplesmente, J. Americano.**
- 13 - Salvina Ferreira Maia.**
- 14 - Leopoldina Ferreira Maia.**
- 15 - José Candido Ferreira Maia.**
- 16 - José Maria de Lellis Ferreira.**
- 17 - Tina Ferreira.**
- 18 - Theofilo de Lellis Ferreira.**
- 19 - Clarinda.**
- 20 - Virgilio.**
- 21 - José (pode ser um dos acima citados).**
- 22 - Gualter.**
- 23 - Longina.**



Sobrado Dr. Edelberto Lellis Ferreira

PADRE PEDRO DOMINGUES GOMES.

Antes de adentrar nas notícias sobre seu falecimento, velório e sepultura, extraio de meus livros algumas notícias sobre ele.

EDIÇÃO DO JORNAL “O PRATEANO”, DE 23 DE JULHO DE 1893.

“Honrou-nos com a sua visita o Rev. Padre Pedro Domingues Gomes, diretor do externato S. Luiz Gonzaga, que se fundará nesta cidade”.

“EXTERNATO S. LUIZ GONZAGA.

São Domingos do Prata. Neste externato sob a direção do abaixo assinado, lecionam-se as seguintes matérias: Latim, Francês, Português, Aritmética e História do Brasil.

Para ser admitido a matrícula deve o aluno apresentar atestado de aprovação nas matérias do curso primário.

O aluno que tiver de estudar Latim, só começará o Francês do segundo ano em diante. Para cursar as cinco matérias acima referidas, pagará o aluno 10\$000 mensais, podendo estudar outras matérias além das mencionadas, como Geografia, Inglês, História, mediante a retribuição de 5\$ mensais por matéria.

O externato incumbe-se de preparar candidatos ao professorado por 45\$000 mensais. O diretor poderá dar lições particulares em família, tratando-se o preço.

No ato da matrícula pagará a joia de 5\$000. Acha-se aberta a matrícula na casa do Rev. Padre Antonio Cordeiro Abrantes.

O Diretor padre Pedro Domingues Gomes.”

INSTRUÇÃO PÚBLICA – CULTURA MENTAL. RELATO POR VOLTA DE 1893, DO JUIZ ANTÔNIO SERAPIÃO DE CARVALHO.

Havia na cidade um excelente colégio de instrução secundária, o Externato de S. Luiz Gonzaga, dirigido pelo ilustrado e virtuoso sacerdote, o revmo. Padre Pedro Domingues Gomes, muito competente nas matérias que lecionava com notável aproveitamento de seus discípulos.

Infelizmente, este excelente colégio fechou-se no dia 12 de maio de 1894.

ESCOLA NORMAL DESDE 1902.

O jornal “O Piracicaba”, em sua edição do dia 18 de janeiro de 1903, publicava:

“Quando aplaudimos a fundação de um estabelecimento de ensino nesta cidade, conhecíamos de perto as necessidades da zona, e prevíamos o bem que faria a população.

Felizmente não erramos e a confiança do público correspondeu a nossa expectativa, pois estão matriculados nos dois anos dos cursos, únicos que funcionam, 50 alunos, sendo 38 do sexo feminino e 12 do sexo masculino e na escola anexa matricularam 15 alunos.

De toda parte tem vindo alunas pra cursar as aulas do estabelecimento.

Fazem parte do corpo docente: Drs. Edelberto de Lellis Ferreira, Antônio Fernandes Pinto Coelho, Alonso Starling, pe. Pedro Domingues Gomes e pe. João Pio, Egídio Lima, Luiz Prisco de Braga e o farmacêutico Joaquim Gomes Lima.”

MUDANÇA DO NOME DA RUA 21 DE ABRIL. (O IMPARCIAL DE 17.11.1911)

“Durante a semana finda esteve reunida a Câmara Municipal desta cidade em trabalhos ordinários.....Entre as resoluções votadas pela Câmara destaca-se a que manda mudar a denominação da rua 21 de abril, para a de rua Padre Pedro Domingues.”

‘O IMPARCIAL’, EDIÇÃO DE 23 DE ABRIL DE 1911.

FALECIMENTO.

PADRE PEDRO DOMINGUES GOMES.

“.....Às 8 horas da noite de 27 de fevereiro, tendo 46 anos de idade,, cercado de distintos colegas e no meio de um povo que o estimava, onde é justo que se destaque o seu dedicado médico e amigo, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, entregou com a serenidade de um justo, sua alma ao criador.....”

RETRATO DO PADRE PEDRO DOMINGUES GOMES NO CONSISTÓRIO DA IGREJA DA MATRIZ E NA CÂMARA MUNICIPAL.

Em breve síntese trago à baila artigo publicado no jornal “O Imparcial”, em sua edição do 24 de setembro de 1911:

“Alguns amigos do saudoso pe. Pedro Domingues Gomes, como tributo de gratidão à sua memória pelo muito que fez a esta freguesia durante o tempo em que foi vigário, ofereceram o seu retrato à crayon (lápis) para ser colocado no consistório da matriz da cidade.

De sua inauguração encarregou-se o revmo. Sr. Pe. Raymundo Trindade, seu atual sucessor.....

.....Após a inauguração na igreja, seguiu-se na Câmara Municipal a de outro retrato do mesmo sacerdote que aquela corporação, em nome do povo do município, mandou ali colocar, em homenagem à memória de seus inesquecível vereador e ex-Presidente.....”

NOTA: Infelizmente, a minha terra natal não preserva o seu passado. Esse e outros fatos históricos foram sumariamente destruídos.

Outro personagem histórico do município teve também desaparecido o seu retrato, foi MANOEL MARTINS VIEIRA.

Esse, inclusive, teve o seu nome retirado da Praça principal, para homenagear outro benfeitor.

Contudo, a meu juízo, não se troca o nome de um benfeitor por outro. Basta, desde que esse outro também merecia a homenagem, criar outro monumento ainda mais grandioso que o primeiro.

O jornal “O Imparcial”, em sua edição do dia 05 de março de 1911, traz uma extensa reportagem sobre um pouco da vida, o velório e o enterro do padre Pedro Domingues, reproduzida a seguir, em ortografia atual:

“Há um ano e poucos dias, a população desta cidade, na efusão (manifestação) de mais pura alegria, recebia jubilosa entre risos, flores e confete, o conterrâneo querido que regressava da longínqua capital goiana.

Mal sabíamos, ao estuar (vibrar) do nosso contentamento, que a ironia da miséria humana em apressava a trocar-nos a tarde festiva do dia 23 de fevereiro último pela realidade imprevista da noite do dia 27 do mês findo.

Morreu o Pe. Pedro Domingues Gomes!

Não temos memória de ter visto alguém desertar da vida em circunstâncias como esta. Não foi somente sobre os que o amavam que caiu como o estalar de uma catastrófica surpresa tenebrosa.

Toda esta cidade se achou atordoada numa estupefação a que se não podiam furtar os próprios inimigos do morto.

Como Cristo, deve ter tido inimigos, que está na contingência humana encontrar-se no seio misterioso da sociedade,

organizações morais capazes de asilar no fundo árido do coração o rancor e o ódio àqueles que são puros.

É eterna a luta da treva contra a luz, do erro contra a verdade, do vício contra a virtude.

Fez-se entre nós, por toda a parte, grande tristeza, profunda obscuridade. Apenas soou a hora fatal do trespasse a cidade em peso se abalou e aqueles que se dirigiam à casa ferida pelo raio tinham a impressão de que o desabar dessa existência subtrairá na nossa um defesa irrecuperável.

Vimo-o pela última vez, momentos depois da catástrofe, na sala mortuária em vestes sacerdotais e coberto de flores naturais que mãos piedosas derramavam em profusão. Em torno uma multidão estarecida e muda.

Olhos lacrimejados de lágrimas, ninguém tinha nem coragem de articular uma palavra. Em seu rosto pairavam uma placidez quase sorridente.

Dir-se-ia que não a morte, mas um sono tranquilo cerrava-lhe as pálpebras. Não se lhe via nas faces vestígios de sofrimento e através da palidez do rosto adivinhava-se a bondade, a simpatia e a doçura do costume.

Há 13 anos contraíra no exercício de sua espinhosa e nobre profissão uma infecção palustre (malária) que, em sua passagem através daquele organismo, deixou sulcos profundos de destruição.

Bem melhorado, partiu há dois anos para a remota capital de Goiás, onde foi elevado à alta dignidade de Vigário Geral do Bispado Diretor do Seminário Episcopal daquele Estado.

Ali agravaram-se de novo os seus sofrimentos, dispersados talvez pelas saudades desta terra que ele amou até o sacrifício. Regressando a essa cidade nunca mais recuperou a saúde, caminhando o seu mal em marcha progressiva até que sobre sua fronte orvalhada das nossas lágrimas descesse a noite irreparável, apenas estrelada pela esperança celeste.

O P. Pedro Domingues Gomes fez um brilhante curso de preparatórios no Colégio do Caraça, completando seus estudos teológicos no Seminário de Mariana, onde recebeu das mãos do saudoso bispo D. Benevides as ordens de presbítero.

Durante os primeiros anos de sua vida sacerdotal exerceu o magistério secundário no Seminário de Mariana e no Colégio do Caraça com grande proveito para aqueles que tiveram a felicidade de ser seus alunos.

Espírito lúcido, inteligência vivaz, com sólido cabedal de conhecimentos de irmandades, veio como vigário para sua terra natal em 1896 e aqui foi sempre o ídolo da população por suas virtudes, pureza de costumes, zelo evangélico e pela caridade com todos os que sofrem.

Foi diversas vezes vereador e Agente do Executivo durante em fecundo triênio, cargo em que foi pródigo de patriotismo e de amor à terra que o viu nascer e que lhe deve imorredouros melhoramentos.

Feridos de tão tremendo desastre, resta-nos ensinar aos nossos filhos a imitar a vida do morto e pedir que nos ilumine o seu espírito imortalmente belo.

(.....) A notícia do lúgubre acontecimento percorreu a cidade com a rapidez do raio e o povo afluiu em massa à sua residência, velando em silêncio profundo e cultual os despojos queridos daquele que foi em vida o grande amigo de todos e cujo espírito há de ser para sempre o nume tutelar desta cidade que ela tanto amou.

As sinos da igreja dobraram a finados durante toda a noite e o dia seguinte fazendo descer sobre os corações de todos, com som crebro (contínuo) e plangente (triste), a nota triste e dolente das grandes mágoas.

A Câmara Municipal da qual fora Presidente e diversas vezes vereador hasteou a bandeira em funeral, simbolizando o pesar que paira sobre os corações de todos os habitantes deste município.

Durante todo o dia, a cidade sob o peso de sua grande dor, recebia pessoas vindas de todos os pontos do município para dizerem ao querido sacerdote o seu derradeiro adeus. Às 7 horas da noite em ponto começou

O SAIMENTO (Funeral)

Cerca de duas mil pessoas aguardavam na rua em frente à casa enlutada, o saimento do féretro que foi piedosamente conduzido por entre alas de virgens, das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e uma massa enorme de povo, seguindo todos de cabeça descoberta, no mais religioso recolhimento e em profundo silêncio, até a Matriz onde se erguia rico cadafalso sobre o qual foi colocado o caixão.

Dentro do templo, literalmente cheio, foi feita a encomendação solene pelo Monsenhor Antônio Fernandes de Lellis, Vigário de Dionísio, acolitado pelos padres Raimundo Nonato e Antônio Augusto de Barros.

Após a encomendação surgiu na tribuna sagrada o vulto respeitável do Revmo. Pe. Raimundo Nonato Ferreira que, com palavras cheias de sentimentalismo e nascidas do fundo de um dos corações mais rudemente feridos pelo lutuoso acontecimento, fez elogios fúnebre do inesquecível morto, arrancando lágrimas e soluços da multidão.

É que a eloquência não consiste nas frases empoladas e banais, vestidas com a roupagem artificial da retórica. Ela nasce espontânea do fundo do fundo dos corações que sofrem!

Orou também o Dr. Alonso Starling, seguindo-se

O ENTERRAMENTO. (Sepultamento).

Antes de baixar o corpo à sepultura o povo precipitou-se sobre o caixão e, de joelhos, beijava-lhe os pés como si fora a imagem de um santo.

Não parecia um enterro. Dir-se-ia antes uma solenidade festiva da Semana Santa em que se celebrasse a tradicional procissão do Senhor Morto.

Conforme o desejo que manifestara em vida, o seu corpo dorme o sono eterno na sepultura n. 22 do Consistório da Matriz aos pés da campa de seu grande emulo e amigo Padre Antônio Cordeiro de Abrantes que, como ele, também paroquiou esta Freguesia por longos anos, pregando a virtude com a palavra e com o exemplo, sempre venerado pelo povo pratiano que sabe cultivar as virtudes e o mérito daqueles que, qual Divino Mestre, passam pela terra praticando o bem. Pertransit benafaciendo.”

NOTAS (Ainda do texto original).

O Pe. Pedro faleceu justamente quando completava 7 anos da morte de seu venerando progenitor, tanto que de manhã, delirando, tomou o chapéu e queria ir para a igreja celebrar a missa daquele aniversário.

O Snr. Agente do Executivo municipal, logo que teve conhecimento da morte do Rev. Pe. Pedro, mandou suspender o expediente de sua secretaria até o dia da missa do 7º dia.

(.....). Tendo a Exma. Sra. do Snr. Dr. Edelberto de Lellis dado à luz no mesmo dia em que faleceu o Revmo. Pe. Pedro, aquele Snr. mandou registrar a criança no Cartório de Paz com o nome de Pedro para perpetuar tão querida memória daquele que tantas provas de amizade lhe dedicara em vida e que fora o seu primeiro professor nos tempos colegiais”

NESSA IGREJA REPOUSAVA OS RESTOS MORTAIS DO PADRE PEDRO DOMINGUES GOMES – ELA NÃO MAIS EXISTE.



Antiga Igreja Matriz

ANTIGA IGREJA DA MATRIZ – DO LADO DIREITO -



**À DIREITA SEPULTURA DE ALGUNS PADRES – DIZEM QUE AÍ
FOI ENTERRADO FRANCISCO VIEIRA SERVAS.**

MANOEL MARTINS VIEIRA.

(08.10.1854/26.02.1909)



MANOEL MARTINS VIEIRA – PRIMEIRO CHEFE DO EXECUTIVO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA. ALGUMAS PASSAGENS DE SUA VIDA. FOI UM DOS MAIORES BENFEITORES DO MUNICÍPIO.

Em 1890, um ano após a instauração da República, uma comissão da qual Manoel Martins Vieira fez parte, dirigiu-se até Ouro Preto para reivindicar a criação do município de São Domingos do Prata, já então, desde o período imperial, a mais próspera Vila da região leste do Estado de Minas Gerais.

Em 1º de março de 1890, foi expedido o decreto criando o município, tendo Manoel Martins Vieira sido nomeado Presidente da Comissão de Intendência, tornando-se assim o primeiro chefe do Poder Executivo no município.

De plano, em abril de 1891, ainda como Presidente da Comissão de Intendência, Manoel Martins Vieira edita o Código de Posturas e Regimento Interno, diplomas legais avançados para a época, regulamentando o funcionamento da máquina administrativa e delimitando os direitos e deveres dos habitantes.

Os textos dos diplomas legais estão transcritos, na íntegra, no livro “São Domingos do Prata Subsídios Para a História”, páginas 90 a 133, de autoria do frei Thiago Santiago.

Na eleição realizada em setembro de 1891, a primeira no município, candidatou-se e foi eleito para vereador. Esta Câmara, como relatado em meu livro “Recontando a história de São Domingos do Prata”, renunciou em quase toda a sua totalidade (restou somente um vereador), incluindo o primeiro Agente do Executivo eleito pelo povo.

A partir daí ocupou diversos cargos de relevo, tanto no legislativo como no executivo. Sobre ele declarou Luiz Prisco de Braga em seu livro História de São Domingos do Prata: “Um vulto a quem o município muito deve. Político moderado. Exerceu cargos efetivos e de nomeação”.

Em face de sua forte liderança, foi ainda eleito presidente do Diretório Político Municipal, função na qual pode muito ajudar no progresso de sua terra natal.

Os seus contemporâneos, em reconhecimento à sua liderança e muito do realizado em favor da comunidade, homenagearam-no dando o seu nome à principal Praça da cidade, popularmente conhecida pelo povo como Praça da Matriz, posto nela se localizar a antiga matriz.

FALECIMENTO DE MANOEL MARTINS VIEIRA.

Depois de ficar prostrado ao leito tentando se recuperar de um mal que lhe acometeu, ele, prematuramente, veio a falecer às três horas da tarde do dia 26 de fevereiro de 1909.

O jornal “A Voz Prata”, ao anunciar a sua morte, em suprema síntese, disse:

“Político militante neste município, a cuja história está seu nome ligado desde os tempos da propaganda republicana. Era dotado de espírito altruísta e conciliador, muitas vezes esquecendo-se de si, para amparar seus amigos e correligionários.”

O jornal “O Imparcial”, também deu grande destaque ao acontecimento relatando, em síntese:

“(.....) Eram dez horas da manhã. Grande número de cavaleiros chegava à fazenda do Paiva, cujo aspecto era constrangedor. Na sala transformada em câmara ardente, estava o morto. As lágrimas confundiam-se. Dentro em pouco sairia o féretro a caminho da cidade. Ali chegando foi o féretro depositado em casa de Manoel Fernandes Barros genro do extinto. (Foi o primeiro esposo da sua filha Rita Martins Vieira).

O enterro foi marcado para 4 horas da tarde. Notamos grande número de amigos do morto e representantes de todas as classes sociais que acompanharam a saída fúnebre até a matriz (.....).

(....) Isso feito, seguiu o enterro para o cemitério do Rosário, onde falaram os srs. Ilídio Lima, Dr. Alonso Starling, padre Pedro Domingues e Egydio Lima, (capitão Dico)”.

O seu passamento, em face da liderança exercida no município, liderança esta alicerçada nos inúmeros benefícios carreados à comunidade e ao trato sempre respeitoso aos seus habitantes, provocou verdadeira comoção.

Na oportunidade, uma comissão popular, representada por figuras ilustres da cidade, doou à Municipalidade, um retrato do falecido, que deveria ficar exposto no salão de reuniões da Câmara, que na época, funcionava no prédio antigo da Prefeitura.

SEDE PRINCIPAL DA FAZENDA DO PAIVA.



COLOCAÇÃO DE SEU RETRATO NO PRÉDIO DA ANTIGA PREFEITURA. (Essa retrato parece ter desaparecido).

Do jornal “O Prateano”, extraí os seguintes trecho:

“Imponente, magistrais, indescritíveis mesmo a solenidade de colocação do retrato do grande pratioano, Manoel Martins Vieira.

A comissão popular representada pelos capitães Albano Ferreira de Moraes, Cornélio Coelho da Cunha, Alziro Carneiro e os Srs. Antônio Gomes Domingues e Manoel Nepomuceno, que adquiriu em Itália o retrato do ilustre extinto, ofertou-o à Municipalidade, em nome do povo. Cabia a esta o dever de colocá-lo, condignamente, no salão de suas reuniões. (...).

(....) As crianças das escolas públicas, acompanhadas das exmas. Professoras D. Maria Joaquina Pinto Coelho e Rita Martins Vieira (filha dele) estiveram presentes a toda a festividade recebendo assim uma proveitosa lição de civismo.

Durante a missa, a banda de música São Domingos, regida pelo maestro Linhares, executou diversas marchas.

Após a missa foi o retrato de Manoel Martins Vieira levado em triunfo ao som de maviosas marchas e ao estrepitar de fogos, da farmácia Lima (de propriedade de Joaquim Augusto Gomes Lima, casado com a filha do falecido, Nicolina Martins Vieira), para a casa da Câmara.

(.....) Incorporados, os vereadores municipais receberam em frente à casa da Câmara.

Apesar de vasto, o Paço da Câmara não comportou a quinta parte da fina flor da sociedade pratiana que ali se achava presente.

Recentemente pintado, a mando do atual Presidente, o salão da Câmara apresentava um aspecto solene, digno do ato que ali se ia praticar, a glorificação do MAIOR FILHO DO PRATA.” (Letra garrafal por minha conta).

Além da presença maciça do povo, compareceram as mais altas autoridades da cidade, inclusive o Juiz de Direito, Antônio Fernandes Pinto Coelho, que foi o orador oficial e Egydio Lima.

Egídio Lima (Capitão Dico), falou em nome da Câmara Municipal, agradecendo a oferta preciosa que o povo fazia à Edilidade deste município, assegurando que os vereadores municipais terão como farol e guia, na estrada por onde deve trilhar este município, o espírito benfazejo e pacífico, do grande filho do Prata: Manoel Martins Vieira.

Outros oradores participaram, incluindo representantes dos distritos. No final, ecoaram estrepitosas salvas de palma, envoltas com os sons do hino nacional.

Em síntese, disse o Juiz de Direito em seu discurso:

“(...) à memória do povo pratiano vinha significar a sua imensa gratidão para com aquele que em vida foi o maior propagador do verdadeiro engrandecimento deste município que se orgulha de ter sido o berço natal de tão prestimoso filho, para com aquele que consagrou toda a sua vida, trabalhando e velando pelo bem estar do povo de que ele foi o anjo tutelar (.....)’.

Suas últimas palavras foram abafadas por prolongadas e estrepitosas salvas de palmas, envoltas com os sons patrióticos do hino nacional.”

O PRÉDIO DA ANTIGA PREFEITURA.

O decreto nº 23, de 1º de março de 1890, que criou o município de São Domingos do Prata e elevou o povoado de Freguesia para Vila (somente em 3 de março de 1891, a Vila foi elevada a Cidade), dispunha:

“A nova vila será instalada depois que os respectivos habitantes ofereçam e transfiram ao domínio do Estado os prédios precisos para cadeia, paço da intendência ou câmara municipal e escola de instrução primária para ambos os sexos.”

Em cumprimento a determinação legal, foi construído o prédio da antiga prefeitura. Não consegui apurar se a obra foi construída por Manoel Martins Vieira ou Manoel Coelho Gomes Lima (conhecido por Manoel Coelho de Lima). Só sei que foi um dos dois.

Quando de sua construção o imóvel passou a abrigar, até que se construísse o do novo fórum e cadeia, as dependências da Prefeitura (Paço Municipal), da Câmara de Vereadores, da cadeia pública, o fórum e o salão do Júri.

Não sei precisar a data da construção do novo fórum e cadeia, embora tenha sido no período do mandato do Capitão Dico (Egídio Gomes da Silva Lima), que perdurou até 31.12.1922.

PRÉDIO DO FÓRUM E CADEIA APÓS TEREM SAÍDO DO ANTIGO DO PRÉDIO DA PREFEITURA – NÃO MAIS EXISTE.



Em meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”, consta, às páginas 124/127, que em 1912, o Capitão Dico já teria doado o terreno.

Contudo, com certeza, até o final de 1918 tal não ocorreu, em face do artigo 1º da Lei estadual nº 721, de 30 de setembro de 1918, a seguir transcrito:

“Art. 1º - Fica o Presidente do Estado autorizado a doar à Câmara Municipal de São Domingos do Prata, assinando a respectiva escritura, a parte que o Estado possui na casa em que funcionam, atualmente, a Câmara Municipal, a cadeia e o tribunal do Júri, sita à PRAÇA “MANOEL MARTINS”, esquina da rua padre Pedro, da mesma cidade, incluindo-se na doação um terreno de vinte palmos de frente, dividindo com dr. Alonso Starling, Antonio Coura, ribeirão Prata e a rua padre Pedro, por cujo terreno passa o esgoto da cadeia, ficando igualmente cedidas todas as servidões no dito terreno, avaliado em um conto de réis.” (Letra garrafal por minha conta).

O prédio da antiga prefeitura ficava na Rua XV de Novembro (atual Rua Capitão Albano de Moraes), em frente à Praça Manoel

Martins Vieira (atual Dr. José Mateus de Vasconcelos) e esquina da Rua 21 de Abril (atual Padre Pedro Domingues).

BAILES NO PRÉDIO DA ANTIGA PREFEITURA.

Em ocasiões especiais eram realizados bailes no Plenário da Câmara de Vereadores, que funcionava ainda como Salão do Júri. A animação ficava por conta de sanfona, acordeão e violão.

Pelo menos até quando pesquisei, esses bailes perduraram até 1945, como se depreende da notícia a seguir:

BAILE EM HOMENAGEM AO FARMACÊUTICO MANOEL MARTINS GOMES LIMA.

O jornal “A Voz do Prata”, edição de 29 de abril de 1945, com o título acima em letras garrafais anunciava:

“A sociedade pratiana homenageará na noite de hoje o ilustre Prefeito Municipal Farm. Manoel Martins Gomes Lima, oferecendo-lhe um suntuoso baile no salão nobre da Prefeitura, para o que fez distribuir o seguinte CONVITE:

A Comissão organizadora tem a honra de convidar V. Exma. Família para o baile que será oferecido ao Exmo. Snr. Manoel Martins Gomes Lima, D. D. Prefeito Municipal, no salão da prefeitura no próximo dia 29.

São Domingos do Prata, 27 – 4 – 945.

A COMISSÃO”.

Em 13 de maio do mesmo ano, o periódico acima mencionado, destacava:

“Constituiu grande acontecimento social o baile que domingo passado a sociedade pratiana ofereceu ao Prefeito Manoel Martins Gomes Lima. Saudando-o interpretou o sentimento dos presentes o Sr. Francisco de Paula Carneiro de Moraes (Chiquito de Moraes), tendo S.S. agradecido.”

ANTIGO PRÉDIO DA PREFEITURA À DIREITA. AÍ AINDA FUNCIONOU A CÂMARA DE VEREADORES – O FÓRUM, O PLENÁRIO DA CÂMARA, TAMBÉM UTILIZADO PARA JÚRI E BAILES E CADEIA PÚBLICA.



ALGUNS DADOS FAMILIARES DE MANOEL MARTINS VIEIRA.

Manoel Martins Vieira nasceu em São Domingos do Prata em 08 de outubro de 1854 e faleceu em 26 de fevereiro de 1909. Sua esposa

Albina Marques Vieira (ou Vieira Marques), nasceu em Barão de Cocais em 1860, vindo a falecer em São Domingos do Prata, em 20 de novembro de 1947.

Manoel Martins Vieira nasceu na fazenda dos “Martins”, hoje situada no município de Goiabal. Depois de casar-se com Albina Marques Vieira fundou a fazenda “Cachoeira”, no mesmo terreno da fazenda dos “Martins”, onde foi morar com a sua esposa.

O seu sogro era José Vieira Marques (casado com Rita Maria de Jesus) e foi o fundador e proprietário da famosa fazenda do Paiva, existente até os dias de hoje.

Falecendo o seu sogro, foi morar com a sua esposa na fazenda do Paiva, tornando-se proprietário da mesma. Ali morou e nasceu e criou os seus treze filhos.

Os pais de Manoel Martins Vieira foram José Martins Vieira e Emerenciana Martins de Jesus. Os restos mortais de Manoel Martins Vieira e de sua esposa estão sepultados no cemitério de igreja do Rosário em São Domingos do Prata.

SEUS FILHOS, GENROS E NORAS FORAM:

Nicolina Martins Vieira (Cota – Foi casada com o farmacêutico Joaquim Augusto Gomes Lima), Maria Carolina Martins Vieira (casada com Duval Mendes), Rita Martins Vieira (Quando viuvou casou-se com o também viúvo Coronel Manoel Olympio Magalhães), Carmem Martins Vieira (Carmita), que se casou com José Raimundo Moreira e foi residir em Barão de Cocais, onde criou família e raiz. Maria Martins Vieira (casou com Clóvis Ferreira Mendes, irmão de Duval Mendes), Maria José Martins Vieira (Zita era irmã gêmea de Rita Martins Vieira), casou com Pedro Vieira Marques, Ciro Martins Vieira, José Vieira Lima, Artur Martins Vieira, casou com Alice Mendes, irmã de Duval Mendes e filha de Francisco Ferreira Mendes, João Martins Vieira (Dão), Virgolina Martins Vieira, que se casou com

João Gomes de Figueiredo Júnior, Maria José Martins Vieira, Mário Martins Vieira, Manoel Martins Vieira.

91

Um de seus filhos tinha o apelido de TANÉ (não consegui apurar o seu nome). Ele foi casado com Constância Mendes, também da família Mendes.

SEUS IRMÃOS:

Joaquim Martins Vieira, José Martins Vieira, Antônio Martins Vieira, Quintiliano Gomes Martins Vieira, Anna Jacinta Martins Vieira, Emília Martins Vieira e Carolina Martins Vieira.

SEUS CUNHADOS:

Maria Rita Vieira, Narciza Vieira Marques, Maria Clara de Araujo, Maria Joana Domingues, Leandro Gomes Domingues, José Cornélio Silva Perdigão, João Manoel Domingues, Alenir Magalhães Vieira e Cipriano Vieira Marques.

Deixou milhares de descendentes espalhados pelo país, dezenas deles ainda residentes em São Domingos do Prata e outro tanto na região leste do Estado e em Belo Horizonte.

PASSAGENS DA MINHA INFÂNCIA NO PRATA.

Na visita em janeiro 2010, uma pequena e passageira decepção ao descobrir não mais existir as referências de minha infância.

A casa de meus pais e dos meus avôs, o famoso sobrado de meus avós materno, tudo havia sido destruído.

Aliás, da minha infância, somente estava preservado a belíssima e imponente igreja do Rosário, mesmo assim com a fechada original modificada, o hotel Semião e uma casa do lado direito do hotel.

Nem mesmo o inesquecível campo do “Lava-Pés”, palco de muitas brincadeiras, jogos de futebol do Clube Atlético Pratiano, carrapatos e bichos do pé, já não mais existia, embora tenha ficado o pasto.

A pinguela, utilizada pelos adultos e por quem estava calçado, para se chegar ao campo, deu lugar a uma ponte.

Na minha infância as crianças, e quem andava descalço, atravessavam a pé o riacho bem rasinho, embora este tivesse o pomposo nome de rio Lava-Pés para se chegar ao campo de futebol.

A gente se sentia um pequeno desbravador pela “coragem” de atravessar a pé e sem a ajuda de adultos, um “caudaloso” (no imaginário de uma mente infantil) curso d’água.

Nasci em São Domingos do Prata em 22 de julho de 1945. Meus pais, também pratianos, foram Manoel Martins Gomes Lima e Janua Coeli Lellis Ferreira. Quem fez o parto foi o meu avô materno, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira no sobrado em que residia em São Domingos do Prata.

Da minha curta infância na terra natal guardo grandes e imorredouras recordações. Como meus pais e avós maternos e paternos eram pessoas queridas por onde andava era bem recebido e tratado carinhosamente, sendo chamado de Beбето.

Meus pais moravam em um sobrado no centro da cidade, atrás do prédio da antiga prefeitura.

Não me recordo de como era o sobrado e ninguém da família possui fotografias do mesmo. Meu pai, ao mudar-se com a família para Coronel Fabriciano, fato ocorrido em 1952, vendeu o sobrado

e todo o terreno para Felix de Castro (Prefeito do Prata entre 1951 a 1955), tendo o mesmo passado a nele residir com a sua família.

Posteriormente Felix de Castro loteou o terreno e hoje, em pleno centro, o mesmo está repleto de construções.

Papai sempre foi um péssimo negociante. As finanças da família somente melhoraram quando a minha mãe, possuidora de tino comercial e grande inteligência, passou a tomar iniciativas visando limitar o alto desprendimento de meu pai.

Por outro lado, o desapego de meu pai para os bens materiais, foi em certo sentido positivo para nós, seus descendentes.

Normalmente os filhos ao se sentirem herdeiros de grandes bens materiais tendem a se acomodar na vida. No caso, por saberem nada ter de substancial para herdar, todos os filhos, sem exceção, procuram bastar a si mesmos e construir, como classe média, os seus próprios futuros.

Grande parte dos meus dias passava brincando na Praça da Matriz, (localizada em uma área enorme e tinha o nome oficial de Praça Manoel Martins Vieira), onde havia um inesquecível coreto, palco de memoráveis brincadeiras de “pique”.

Esta praça ficava em frente à casa e farmácia do vovô Joaquim (farmacêutico Joaquim Augusto Gomes Lima), daí apenas necessitar atravessar a rua, sem grandes preocupações com o trânsito de veículos, restritos a poucos automóveis de passeio, ônibus (jardineiras) e caminhões.

As brincadeiras preferidas, todas praticadas na Praça, consistia em jogar bolinha de gude, amarelinha, “pique”, roda pião.

Adorava o picolé do bar existente embaixo do Hotel Semião. O cheiro do picolé, bastante característico, jamais encontrei outro igual, embora ele esteja gravado em meu olfato até os dias de hoje. Nos fundos do bar havia jogo de sinuca sempre frequentado.

Eu via as pessoas jogando me postando do lado de fora, na rua defronte à entrada do hotel, através de uma pequena abertura gradeada existente.

Outra parte do dia frequentava as casas de meus avós materno e paterno. Na casa de vovô Joaquim havia um terreiro enorme onde se podia brincar à vontade e “armar” alçapão para pegar canarinho ‘chapinha’, abundante na época.

Na parte abaixo do nível da rua o terreiro ia até as margens do rio da Prata (tinha esse nome porque suas águas eram da cor do metal), e nele havia diversos pés de jabuticabas, muito visitados, às escondidas, por outras crianças (quem na infância não “apanhou” frutas em quintal alheio?).

Nessa época, a diversão predileta do meu avô Beto (Dr. Edelberto de Lellis Ferreira) era jogar baralho (“jogo de buraco”) e ler o jornal carioca, Correio da Manhã, cujo exemplar só chegava com três dias de atraso. Já o meu avô Joaquim preferia o jogo de damas e escutar a rádio Nacional possuidora de quase 100% de audiência.

O interessante foi ter sido influenciado por eles quanto a essas diversões. Durante uma boa fase de minha infância adorava escutar a rádio Nacional, principalmente quando morei em Sabará.

Dos nove aos quinze anos praticamente todo o dia, de segunda a sexta-feira, das 18h15min até às 19h00min escutava duas novelas: o “Anjo” e “Jerônimo o Herói do Sertão”.

Ouvia também, aos sábados, o programa de auditório comandado por Cesar de Alencar, além das partidas de futebol do campeonato carioca.

Já na adolescência lia diariamente o jornal (hábito cultivado até os dias de hoje) assinado por meus pais e adulto passei a ser frequente no joguinho de “buraco”.

As casas dos meus pais e avós no Prata não possuíam geladeiras, os assoalhos eram de tábua corrida (na maioria das casas das pessoas mais simples, o assoalho era de chão batido),

os fogões eram a lenha e para reforçar a iluminação pública, bastante precária, se utilizava lampiões movidos a querosene.

Criança fiquei deslumbrado com a chegada do primeiro ônibus (à época chamado de jardineira) ao Prata.

Nela o bagageiro ficava na parte de cima e para ter acesso ao mesmo havia uma escada na parte traseira.

Os motores dos veículos somente davam partida através do manêjo de uma manivela colocada em um orifício existente à frente dos mesmos, o que era comum nos veículos da época.

Como as estradas eram de terra, o passageiro para se prevenir da poeira, usava um casaco, geralmente todo de branco, chamado de guarda-pó.

No período de chuva a fim de se evitar as derrapagens, costumava-se colocar correntes nas rodas do veículo.

Na casa do vovô Beto, um sobrado enorme, como o terreiro era pequeno, as brincadeiras eram limitadas e feitas dentro das dependências do próprio sobrado, que possuía grande área construída.

Das janelas do segundo andar, como existia um clube na frente, podia-se ver os bailes, inclusive de carnaval. Os dias transcorriam tranquilos e felizes.

Havia um campo de futebol do clube Atlético Pratiano que ficava no local chamado de “Lava Pés”.

A gente ia ver os jogos ou treinos sempre a pé, eis inexistir lotação e nem os pais tinham automóvel.

Para se chegar ao campo onde a torcida ficava em um barranco, posto não existir arquibancada, tinha que se atravessar uma pinguela onde somente poderia fazê-lo em fila indiana.

Como o rio lava-pés, que passa sob a pinguela, era bastante raso, sempre optava por atravessá-lo a pé.

O campo era mais um pasto, daí não poucas vezes minha mãe teve de extrair carrapatos do pé.



A famosa pinguela retratada no livro “Olha... uma Esperança” do pratiano Antônio C. D. Vasconcelos. pág. 47- Editora D&M- Ponte Nova). O último à direita é Pedro Lellis Ferreira, tio Pedro, filho do Dr. Edelberto.

Os demais são, segundo consta no livro: Quequé, Zé Calodino, Antônio Sacota, Nono de Neco, Nô Barbeiro, Jair Mendes, -? - e Pedro Léllis Ferreira.

No caminho para o campo do ‘lava-pés’ havia um matadouro em que o proprietário curtia, a céu aberto, os couros dos bois crucificados, proporcionando uma visão um quanto tétrica à imaginação infantil.

Havia na minha infância, paralelo ao campo do Lava-Pés, um trecho enorme, terraplenado e com os barrancos totalmente expostos, onde passaria uma estrada de ferro.

Ali brinquei e outra decepção experimentei em 2010, ao descobrir não mais existir, neste trecho, nem vestígios do local em que o progresso passaria, embora hoje haja um belo e progressista bairro denominado Dona Julieta.

A Praça da Matriz, de tão gratas recordações posto ser ali o local de encontro dos amigos de infância e palco dos grandes acontecimentos, perdeu toda a sua característica original, embora tenha se transformado em um belo local.

Morei em São Domingos do Prata até os sete anos de idade, quando o meu pai foi transferido para a cidade de Coronel Fabriciano, a fim de chefiar o Escritório da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira naquela localidade.

Como passei a morar primeiramente em Coronel Fabriciano e depois em João Monlevade cidades próximas, até 1955, ainda

frequentava minha terra natal, seja em alguns fins de semanas ou nas férias. Em janeiro de 1956 mudamos para Sabará. A partir de então a minha vida tomou novo rumo e as idas à terra natal escassearam.

Ainda em São Domingos do Prata tive a oportunidade de iniciar os estudos no Grupo Escolar Cônego João Pio, mas no terceiro (ou sexto mês, não recordo ao certo) mês do ano letivo tive de transferir para Coronel Fabriciano.

Lá fui matriculado inicialmente em um colégio de Irmãs de Caridade, cujo nome não me lembro, mas no ano seguinte fui transferido para o Grupo Escolar Professor Pedro Calmon, optando os meus pais, tendo em vista os transtornos da mudança e da adaptação em matricular-me novamente no primeiro ano”

Minha foto em 2015, quando lancei, no Plenário da Câmara de Vereadores de São Domingos do Prata, um CD, contendo seis livros sobre a história antiga de minha terra natal, denominado “São Domingos do Prata: Centro irradiador de mineiridade.”

